



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Guilherme Rodrigues Pereira

# MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA

UM CENTRO CULTURAL E TECNOLÓGICO COMO MÉTODO  
PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2023





UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

GUILHERME RODRIGUES PEREIRA

# MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA

UM CENTRO CULTURAL E TECNOLÓGICO COMO MÉTODO PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura  
da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

JULHO 2023



## AGRADECIMENTOS:

Ao Professor Doutor Rui Lobo, pela disponibilidade, pela orientação e pela partilha de conhecimento.

A todos os que me acompanharam neste longo caminho, por todos os dias e todas as noites no Darq.

Em especial ao meu pai António Gustavo H. Pereira, e à minha mãe Lina Maria S. R. Pereira, que me apoiaram incondicionalmente em todo o meu percurso académico e não académico.

À Cláudia Henriques, por todo o incentivo e paciência.

E a toda a cultura e património português, que me proporcionou obras e autores que me inspiraram e continuam a inspirar no meu percurso em Arquitetura.



## RESUMO

Com o desenvolvimento deste projeto procura-se responder às necessidades atuais do lugar e da ruína do Mosteiro de Santa Maria de Seíça, na procura por um programa sustentável que justifique economicamente o custo da intervenção para a estabilização da ruína, para conseqüente salvaguarda do património, de modo a preservar os ideais de diferentes vivências da sua história e a sua relação e influência no território. Tanto a importância dos monges de Cister na organização do território, na época da colonização e fundação do território português, como a influência económica resultante da exploração de recursos presentes na região com a introdução da fábrica de descasque de arroz no espaço do antigo Mosteiro após a sua extinção.

A instalação da fábrica de arroz reativou e transformou o Mosteiro funcionalmente num edifício fabril quando este ficou ao abandono, após supressão das ordens religiosas, e após os primeiros sinais da revolução industrial em Portugal. A necessidade de criação de ligações de caminho de ferro para promover o escoamento de produtos agora produzidos em larga escala, levou à demolição do transepto e do altar-mor da igreja do Mosteiro de Seíça para a passagem da linha do Oeste. Ficou, desde então, o mosteiro bastante desfigurado face ao seu desenho original, resultante de outros ideais económicos e sociais com a industrialização, que se sobrepuseram à conservação do património arquitetónico, mas que com o passar do tempo fazem parte da história e da atualidade do Mosteiro.

Com a presença das memórias industriais difíceis de remover, na paisagem e no desenho atual do mosteiro, pretende-se adaptá-lo de novo a essa última função, com uma nova utilização dos espaços interiores e exteriores conventuais. Desta vez com espírito crítico em arquitetura, de modo a respeitar a sua memória ao longo de séculos de mudanças, e permitir a compreensão da história do complexo monástico na leitura das suas volumetrias. O novo programa deve representar em parte a influência dos monges de Cister na gestão e organização do território, com a introdução de uma funcionalidade que procure dar resposta a uma necessidade de sustentabilidade ambiental atual bastante presente no espaço envolvente ao mosteiro, com incidência na correção do elevado descontrolo florestal.

Pretende-se instalar uma nova indústria no espaço do mosteiro, com o objetivo de revitalização dessas áreas, que necessitam de urgente intervenção e investimento, que por contrapartida de exploração, são fontes rentáveis em termos de matérias-primas, de onde se pretende alcançar sustentabilidade económica para o investimento inicial e na sua manutenção e sustentabilidade sociocultural de todo o programa, fruto da mesma intervenção. O programa pretende reabilitar dois marcos importantes na história de Portugal, o mosteiro e as áreas de pinheiro-bravo do território envolvente, compreendidas pelo Pinhal do Rei.





O novo programa, para além de garantir a sustentabilidade do conjunto arquitetónico, possibilita a criação de emprego local especializado, que maioritariamente será trabalho de campo. O que permite articular o programa funcional com a visita do espaço do mosteiro, como incentivo à cultura e ao conhecimento do património arquitetónico e da sua história, de forma a explorar uma necessidade cada vez mais atual de coexistência entre a indústria e o ambiente.

Para a inserção do programa no espaço do mosteiro será tirado partido da construção pré-existente, de forma a manter a história do edifício bastante marcada ao longo de séculos de mudanças, retratada nas suas volumetrias e materialidades. Não pretendemos que o edifício recue no tempo, nem tão pouco redesenhar os espaços com os mesmos ideais dos monges de Cister. Estes serão, contudo, respeitados e adaptados para implementar os objetivos que são procurados pelo novo programa.

Pretende-se uma clara compreensão entre o que se mantém do desenho original do mosteiro, e os volumes anexados posteriormente, através da valorização de uma diferente materialidade nos volumes anexos. Materialidade essa que se pretende adquirir pelo aproveitamento de recursos provenientes do território envolvente e das áreas a intervir, nomeadamente a madeira de pinho que será o elemento fundamental na conceção do projeto de arquitetura, de modo a reduzir o orçamento para a consolidação da ruína e a valorizar este recurso natural presente no território.



## ABSTRACT

With the development of this project, an attempt is made to respond to the current needs of the place and the ruin of the Monastery of Santa Maria de Seiça, in the search for a sustainable program that economically justifies the cost of the intervention for the stabilization of the ruin, for the consequent safeguard of the heritage, in order to preserve the ideals of different experiences of its history and its relation and influence in the territory. Both the importance of the Cistercian monks in organizing the territory, at the time of colonization and founding of the Portuguese territory, and the economic influence resulting from the exploitation of resources present in the region with the introduction of the rice husking factory in the space of the former monastery after its extinction.

The installation of the rice factory reactivated and transformed the Monastery functionally into a factory building when it was abandoned, after the suppression of religious orders, and after the first signs of the industrial revolution in Portugal. The need to create railroad connections to promote the flow of products now produced on a large scale, led to the demolition of the transept and the high altar of the church of the monastery of Seiça for the passage of the west railroad line (Linha do Oeste). Since then, the monastery has been quite disfigured compared to its original design, resulting from other economic and social ideals with industrialization, which overcame the conservation of the architectural heritage, but that over time have become part of the history and part of the monastery in the present.

With the presence of the difficult to remove industrial representations, in the landscape and in the current design of the monastery. With this project it is intended to adapt the Monastery again to this last function, with a new use of the interior and exterior spaces of the convent. This time with a critical architectural spirit, in order to respect its memory over centuries of changes, and allow the understanding of the history of the monastic complex in the reading of its volumes. The new program should partly represent the influence of the Cistercian monks in the management and organization of the territory, with the introduction of a feature that seeks to respond to a current need for environmental sustainability that is very present in the space surrounding the monastery, with a focus on correcting the high lack of forest control.

It is intended to install a new industry in the space of the monastery, with the aim of revitalizing these areas, which require urgent intervention and investment, which in return for exploration, are profitable sources in terms of raw materials, from which it is intended to achieve economic sustainability for the initial investment and in its maintenance and socio-cultural sustainability of the entire program, as a result of the same intervention. The program aims to rehabilitate two important landmarks in the history of Portugal, the monastery and the maritime pine areas of the surrounding territory, comprising the Pinhal do Rei.



The new program, in addition to ensuring the sustainability of the architectural complex, enables the creation of specialized local employment, which will mostly be field work. This makes it possible to articulate the functional program with a visit to the monastery space, as an incentive to culture and knowledge of the architectural heritage and its history, in order to explore an increasingly current need for coexistence between industry and the environment.

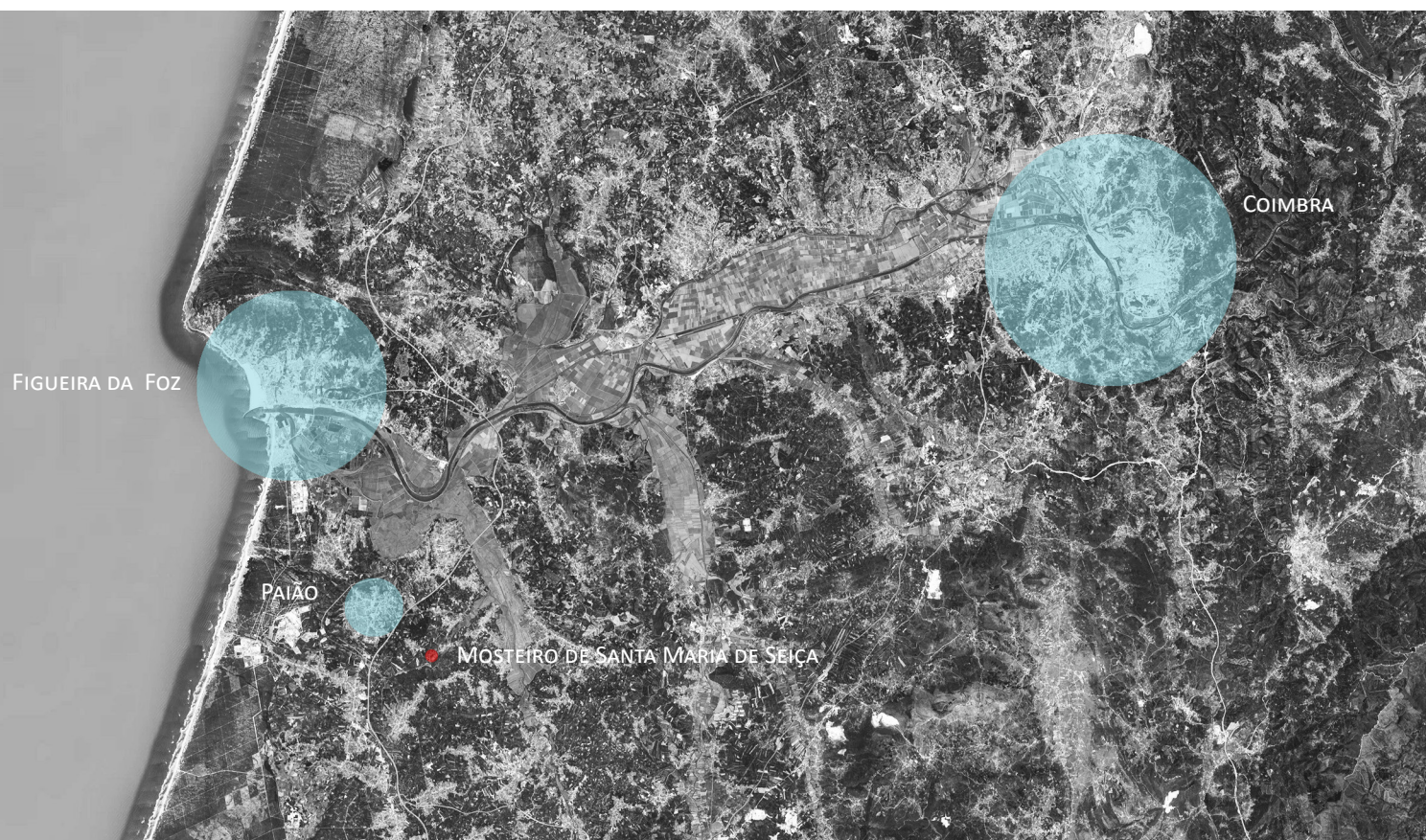
For the inclusion of the program in the space of the monastery, pre-existing construction will be taken advantage of, in order to maintain the history of the building quite marked over centuries of changes, portrayed in its volumes and materiality. We do not intend for the building to go back in time, nor to redesign the spaces with the same ideals as the Cistercian monks. These will, however, be respected and adapted to implement the objectives that are sought by the new program.

With this project it is intended a clear understanding between what remains of the original design of the monastery, and the volumes added later, through the appreciation of a different materiality in the attached volumes. This materiality is intended to be acquired through the use of resources from the surrounding territory and areas to be intervened, namely pine wood, which will be the fundamental element in the design of the architectural project, in order to reduce the budget for the consolidation of the ruin and to enhance this natural resource present in the territory.



## SUMÁRIO:

CAPÍTULO I	
OBJETIVOS E PERTINÊNCIA	15
ESTRUTURA E MÉTODO	21
INDICAÇÃO DA NORMA A SEGUIR	25
ESTADO DE ARTE	27
CAPÍTULO II	
A ORDEM DE CISTER	27
O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA	33
O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA APÓS 1834	35
CAPÍTULO III	
DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA	43
CASOS DE ESTUDO	51
REABILITAÇÃO DA RUÍNA DE SEIÇA	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS	87
FONTES DE IMAGEM	95
ANEXOS	100



Img.1 Localização do Mosteiro de Santa Maria de Seica



Img.2 Foto aérea do Mosteiro de Santa Maria de Seica



### OBJETIVOS E PERTINÊNCIA

Este trabalho foi proposto pelo Professor Doutor Victor Mestre, no âmbito da disciplina de Seminário de Investigação, para posterior desenvolvimento de uma dissertação de mestrado em arquitetura, com o tema “Mosteiro de Santa Maria de Seixa: Reconfiguração de uma Ruína?”. Sendo proposto a pesquisa por um programa a integrar no Mosteiro Santa Maria de Seixa, que sustente a intervenção no plano sociocultural e económico necessário para impedir a progressão da ruína, e posterior desenvolvimento de um projeto de arquitetura para a reabilitação espaço, com o objetivo de preservação do património arquitetónico. A necessidade da criação de um programa sustentável foi o primeiro grande desafio para este trabalho, face ao local remoto onde o Mosteiro de Seixa se encontra implantado, e pela existência de um projeto na Câmara Municipal da Figueira da Foz já consolidado. Nesse projeto era proposto a reformulação do complexo monástico para a adaptação a uma pousada, solução de aproveitamento introduzida em várias antigas casas cistercienses ao logo do território, mas que no caso de Seixa não se revelou uma solução sustentável face à sua localização. Posteriormente à realização da disciplina de Seminário de Investigação, o desenvolvimento desta dissertação foi retomado, acompanhado e orientado pelo Professor Doutor Rui Lobo.

O Mosteiro de Santa Maria de Seixa está situado na freguesia de Paião, conselho da Figueira da Foz, e terá sido construído para albergar os monges brancos da ordem de Cister. Seixa já abrigava uma comunidade de monges brancos que terá sido suprimida devido aos desentendimentos com a casa-mãe de Alcobaça, sendo restituída posteriormente por D. Sebastião, tendo começado a construção do atual mosteiro em 1572 segundo um projeto da autoria de Mateus Rodrigues. No decorrer do tempo o edifício foi sofrendo várias alterações ao seu desenho, começando por conter a ala poente no seu todo e apenas o claustro sul, enquanto a ala nascente terá sido acrescentada posteriormente a norte. Após a conclusão das alas do mosteiro no seu todo, implantadas sobre dois claustros que permitiam a vida de clausura praticada pelos monges de Cister, a igreja medieval foi demolida e iniciada a construção da atual igreja.

Com a extinção das ordens religiosas masculinas em 1834, o edifício ficou ao abandono e posteriormente foi adaptado à indústria local. Com o rápido desenvolvimento da indústria presenciado no final século, foi necessária a criação de infraestruturas capazes de fazer o devido escoamento de produtos e matérias em larga escala, numa altura em que não se atribuía o devido valor à conservação do património arquitetónico. Este facto permitiu a demolição de parte do edifício para a passagem da linha de caminho de ferro, nomeadamente a zona compreendida pelo transepto e o coro da igreja, assim como a demolição da ala monástica nascente, onde terá sido inserido um armazém industrial.



Img.3 Fachada do Mosteiro de Seiça



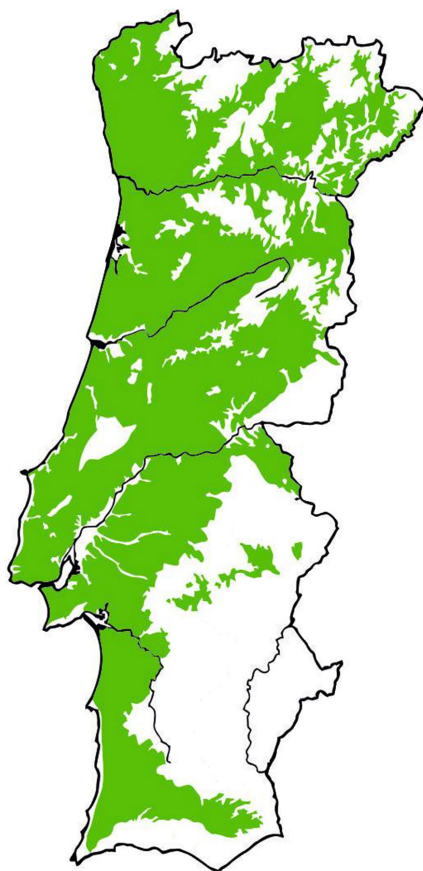
Img.4 Mosteiro de Seiça

O Mosteiro de Seiça à data de início deste trabalho, encontrava-se em elevado estado de ruína, o que poderia levar à total perda do conjunto monástico se não fosse urgentemente intervencionado e reestruturado, onde era também clara a preocupação com o estado de perigo iminente para a comunidade. A população local é quem demonstra maior preocupação com o mau estado de conservação em que se encontrava o edifício, tendo criado a Fundação SMS (Associação dos Amigos do Convento de Santa Maria de Seiça). Esta Associação foi formada com o objetivo de alertar para a necessidade de uma urgente intervenção para preservar e recuperar o Mosteiro, pelo seu valor histórico e arquitetónico. O Mosteiro de Seiça foi classificado como imóvel de interesse público em 2004 e posteriormente Monumento Nacional. Encontrava-se vedado, mas ainda assim ocorriam diariamente visitas não autorizadas ao espaço do antigo Mosteiro.

A função do Mosteiro neste local resulta da tradição da congregação religiosa procurar locais isolados para a implantação destas casas monásticas em território por desbravar com recursos hídricos e terras férteis para a exploração agrícola. Inserido no vale do Mondego, onde se destaca na atualidade, a produção de arroz cuja transformação industrial requer novas tecnologias, diversas das que outrora existiram no Mosteiro e agora instaladas em unidades de transformação localizadas nos conselhos limítrofes. Para além de áreas férteis e muito exploradas para o cultivo do arroz e do milho, na zona envolvente ao Mosteiro destacam-se também vastas áreas de coberto florestal que carecem de reordenamento e manutenção, nomeadamente de pinheiro-bravo.

O principal objetivo deste projeto é a conservação do Património Arquitetónico, respeitando a história, o lugar sagrado, e a memória do edifício, expressa nas suas volumetrias bastante marcadas pela adaptação à indústria do espaço do mosteiro. Para a criação do programa é pretendido retomar a influência dos monges cistercienses na gestão do território, e sustentabilidade obtida pela exploração dos seus recursos, repensada numa nova industrialização do espaço do Mosteiro que procure incidir numa necessidade atual do local. Indústria essa que otimize o comércio e a valorização dos recursos naturais presentes no território envolvente, assim como o seu melhoramento, e que possibilite a criação de postos de trabalho especializados com particular incidência para a comunidade local.

O programa proposto pretende dar resposta a duas necessidades atuais, relevantes na história de Portugal, o Mosteiro e a área envolvente de pinheiro-bravo que necessita de reordenamento florestal e manutenção. Tem o objetivo de utilizar os recursos financeiros resultantes da transformação dos excedentes florestais obtidos com a intervenção no território, para a reestruturação do Mosteiro. Pretende-se desenvolver uma indústria, de suporte económico ligada à gestão do território e da floresta, apoiada por um centro de investigação no Mosteiro que sustente economicamente a sua reabilitação. Para além do centro de investigação pretende-se abrir o Mosteiro à comunidade em termos culturais, promover e incentivar a sua participação, conseguindo o seu usufruto simultaneamente ou alternadamente.



Img.5 Mapa de áreas de pinheiro-bravo em Portugal



**Editorial**  
**Foi azar**

**M**as que raio de azar. Numa tarde de calor, em meados de junho, o céu constipa-se e começa a tossir trovoadas secas. No meio do ataque de tosse, o céu deixa escapar uma faísca, uma espécie de espada luminosa que chega à terra vestida de raio fulminante.

Antes de fugir para as entranhas da terra, o raio racha uma árvore e deixa um rasto de luz. Não, não é luz, é fogo. E o fogo à solta é o rastilho do diabo.

A seguir veio o que se sabe. Por destruição. Entre mortos e feridos, mais de duas centenas de vítimas. Velhos indefesos e pessoas de meia idade são apanhados num plântano de chamas. Mães em fuga com filhos, famílias inteiras, crianças de terra klade, ninguém escapa. Em pouco mais de um fúfuro, gente que olhava a vida com a certeza de querer agarrar um mundo sem fim é engolido pelo fim do mundo.

Foi azar. O raio do raio caiu num dia de calor, numa aldeia perdida. É bem verdade que esta aldeia é terra habituada a calor e a fogos florestais. É bem verdade que estamos em junho.

A prevenção e o combate aos fogos pode ser uma ciência complexa, mas devia começar por ser um alfabeto de medidas simples mas eficazes, essencialmente preventivas. Os fogos evitam-se com uma política de ordenamento da floresta ao serviço do interesse público e não dos negócios privados, a limpeza e a vigilância fazem o resto.

Na hora de apagar fogos existem planos municipais, planos regionais, planos distritais e até planos nacionais e europeus. Mas, azar dos azares, falta o que não podia faltar. Ninguém fecha uma estrada em chamas. Os automobilistas em fuga são apanhados. Uma estrada com poucos metros transforma-se numa auto-estrada direta ao inferno. Ninguém viu que os carros aceleravam para dentro da morte.

Tantos planos, mas basta cair um raio para nascer uma calamidade. Que azar. Até as comunicações de emergência falharam. Há planos para tudo mas faltou alguém para dizer por esta estrada ninguém passa.

Caliu o raio e avançaram os bombeiros, alguns não resistiram, depois chegaram mulheres e homens de coletes, presidentes disto e daquilo, especialistas experientes, peritos sábios da guerra às chamas, e até gente que tem fama e provento sempre que há um azar de um raio.

Todos têm explicações, todos assinam teorias, mas ninguém viu antes a caruma dos pinheiros, as folhas dos eucaliptos e os pequenos arbustos. Camada após camada, a vegetação vai ganhando terreno. E nasce um rastilho à vista de todos mas que ninguém vê.

Neste Pinhal Interior há incêndios florestais ano sim ano não. Mas as estradas são vias sem margens livres de floresta. O horizonte é um oceano de vegetação, um barril de pólvora. Todos esperam que não haja azar.

O Pinhal Interior é um pedaço de Portugal, um espelho do próprio país, tem pequenos e grandes poderes, raízes que se entrelaçam. De tão subterrâneas e emaranhadas não conseguem ver a superfície.

Com tantos planos, tantos meios terrestres e aéreos aconteceu o mais trágico incêndio florestal de que há memória em Portugal.

Que raio de azar. Num dia quente e seco caiu um raio.

Alguém esperava que nevasse em junho?

Francisco Rebelo dos Santos  
Dietor



22 de junho de 2017 // quinta-feira // Semanário  
1 euro (IVA 6% incluída) // Diretor Francisco Rebelo dos Santos  
// Diretora-adjunta Patrícia Duarte // Ano LXXXII // Edição Nº 4186

**REGIÃO DE LEIRIA**  
[www.regiãodeleiria.pt](http://www.regiãodeleiria.pt)

**Azar ou incúria?**

Reportagem de 16 páginas sobre o mais trágico incêndio de sempre em Portugal. Entre mortos e feridos há mais de duas centenas de vítimas. O norte do distrito de Leiria é uma paisagem lunar, onde habita o desespero.

Maria do Rosário, 84 anos, apaga com um regador as brasas que o fogo detouou próximo da sua casa, em Ericeiranas, Freguesia dos Vauzinhos.

Img.6 Capa do jornal Região de Leiria na reação aos incêndios de 2017

A área de pinheiro-bravo em Portugal abrange uma grande superfície na zona litoral, sendo esta área florestal de enorme importância na transformação e fixação dos solos sujeitos à erosão da costa. A razão das primeiras sementeiras de pinheiro-bravo, no reinado de D. Dinis, terão sido com o objetivo de fixação das dunas para proteção dos campos agrícolas, impedindo que as areias arrastadas pelos ventos fortes da costa prejudicassem as plantações que eram o sustento do povo. A escolha do pinheiro-bravo veio também dar resposta à escassez de matérias-primas para construção naval, que viria a ser essencial nas primeiras jornadas na denominada época dos descobrimentos.

O pinho é uma madeira com propriedades excepcionais para diversos usos industriais, construção de mobiliário e construção civil. Trata-se de um material ecologicamente sustentável se bem administrado na sua fileira produtiva, plantação, transporte e transformação. Atualmente levanta também diversos tipos de preocupações particularmente as que se relacionam com os incêndios e com a sua exploração intensiva. Recorda-se o impacto ambiental e social negativo provocado pelos incêndios, que em parte resultam da falta de conservação destas áreas e conseqüentemente provoca a destruição de recursos naturais e de ecossistemas, com impacto na vida das populações envolventes, que em alguns casos leva à perda de anos de trabalho, de suas casas, além de inúmeras vidas.

Em 2017, Portugal chamou mesmo a atenção do mundo, tendo sido capa de jornal em muitos países pelos piores motivos. É preciso recuar até 2003, para se igualar o impacto dos incêndios em termos de área ardida, já em relação ao número de mortos não há registo de um número tão elevado. (Região de Leiria, 2017) Deste modo, é questionado nesta dissertação se já terá sido feito o investimento necessário para a devida reforma de todo o território florestal, de modo a garantir que estas tragédias não tornem a acontecer futuramente, considerando que em pleno século XXI, o ser humano já é dotado de saber suficiente para conseguir prevenir conseqüências maiores causadas por este tipo de incidentes.

O investimento na área do ambiente para a conservação das florestas continua a ser uma necessidade bem presente no território, e na envolvente do Mosteiro de Seiça. Neste âmbito, proponho com este projeto a instalação de um Centro de Investigação agregado ao campus da Universidade de Coimbra agora inserido na Figueira da Foz. Este é dedicado ao estudo do mar e do ambiente, sendo a porta da Universidade para o mar e onde será mais focado o seu desenvolvimento. Deste modo, o que se pretende com este projeto é aumentar também o foque ambiental, com a agregação de um novo pólo inserido no Mosteiro de Seiça. Este será também destinado ao desenvolvimento de trabalhos de investigação científica e formação especializada na área, trabalhando através de parcerias com outras empresas de modo a contribuir para o desenvolvimento sustentável da região, reforçando as relações entre estas e os órgãos institucionais encarregados da gestão das atividades que o programa procura vir a resolver, como o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).



Img.7 Interior da igreja do Mosteiro de Seica

## ESTRUTURA E MÉTODO

Como anteriormente referido, o objetivo principal deste projeto será a criação de uma estratégia para intervenção na ruína do Mosteiro de Seiça, de modo a preservar o Património arquitetónico através da instalação de um centro cultural e tecnológico. Para o desenvolvimento deste projeto foi procurado numa primeira fase, aprofundar o conhecimento da história do edifício, desde os ideais estabelecidos pela ordem de Cister na implantação e conceção das suas casas monásticas ao longo de todo o território, de forma a melhor conseguir interpretar e respeitar a memória e a importância histórica do edifício na realização do projeto para sua reabilitação.

Começamos por tentar entender a escolha do lugar por parte dos monges cistercienses, e a relação e influência da ordem de Cister no território, que viria a revelar-se de grande importância no território português. Foram também interpretados outros exemplares da sua arquitetura erguidos no território, desde a chegada da ordem a Portugal até à sua extinção em 1834. Deste modo pretendemos identificar princípios comuns presentes na sua arquitetura e entender a filosofia presente no desenho dos espaços do mosteiro, para avaliação da viabilidade de reconstrução da volumetria do mosteiro de seiça como seria anteriormente face às necessidades trazidas com a introdução do novo programa. Foi feita também uma pesquisa sobre os tipos de função a que atualmente estes edifícios dão resposta, face à impossibilidade de retomar o programa religioso para o qual foi pensada a sua arquitetura, e investigada como foi feita a sua reabilitação por alguns mestres em arquitetura.

Numa segunda fase, foram realizados os levantamentos do estado de ruína do Mosteiro, de maneira a interpretar as marcas deixadas pela imposição da indústria na paisagem e no espaço do mosteiro, de maneira a concluir se são reversíveis ou se podem contribuir para uma melhor caracterização da história do edifício. Foram também identificadas as necessidades atuais do local, para a criação de um programa que sustente a obra de intervenção e valorize o local e a comunidade, assim como o Património arquitetónico e a sua história. Procura-se manter ainda uma relação com a ordem de Cister, presente em parte com a introdução de um programa que procure intervir no território, como resposta a problemas contemporâneos de cariz ambiental, que tendem a agravar devido às alterações climáticas que, cada vez mais, experienciamos.

Pretende-se com o programa o melhoramento da envolvente florestal, de modo a intervir não só no Mosteiro, mas em toda a paisagem do lugar. As áreas florestais que precisam de investimento, são também uma boa fonte de rendimento quanto aos seus recursos naturais, se bem geridos. Pretende-se que este programa funcional alcance a sustentabilidade económica através da transformação dos recursos resultantes da limpeza e manutenção de áreas de densidade florestal excessiva.



Img.8 Foto satélite com topografia da área que envolve o Mosteiro e a Capela de Seça



Img.9 Capela de Nossa Senhora de Seça



O local continuará a ser um local de culto religioso, utilizando como atualmente para essa função a Capela de Nossa Senhora de Seíça, situada junto ao Mosteiro de Seíça a cerca de 400 metros a poente. A Capela apresenta uma planta octogonal em estilo barroco, cercada de uma colunada toscana, que suporta um entablamento do qual sobressai o corpo da capela como se se tratasse de um andar superior, onde cada fachada possui uma janela. No antigo Mosteiro, será permitida a entrada para o conhecimento da sua história, ao longo de séculos de mudanças, que se pretende que fique retratada nos seus espaços e volumetrias. Também no desenvolvimento do projeto de arquitetura é inserida a preocupação com o material a ser utilizado para a conceção da obra de reabilitação da ruína do Mosteiro, na busca de um menor impacto económico e ambiental.

A última fase, corresponde ao principal objetivo deste trabalho, o desenvolvimento de um projeto de arquitetura para a reabilitação da ruína do mosteiro de Seíça, com base na sua história, de forma a respeitar e conservar a sua memória, interpretando os ideais anteriores para o desenho do espaço, de maneira a respeitá-los, e adaptá-los aos novos objetivos que são procurados pelo programa. Será também procurado a utilização da madeira na introdução dos novos elementos de arquitetura na ruína do mosteiro, permitindo a sua clara diferenciação face aos pré-existentes, sendo pretendido valorizar este recurso presente no território envolvente ao Mosteiro de Seíça, assumindo-se um elemento-chave para a conceção do projeto.

Com o desenvolvimento deste trabalho pretende-se encontrar uma solução que promova a reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seíça, dando resposta ao impacto económico que leva a adiar a intervenção em edifícios históricos, procurando uma estratégia por via do aproveitamento de recursos presentes no território. Em particular a madeira, sendo um recurso particularmente fácil de obter face à abundância por todo o território nacional, podendo facilmente ser adquirido pela remoção do excesso florestal em zonas de grande densidade que careçam de manutenção.

Este princípio para o projeto de arquitetura a ser desenvolvido, provem da investigação de como os monges cistercienses na época possuíam meios materiais e tecnológicos para implantarem o mosteiro naquele lugar, visto ser um lugar isolado. Conseguimos verificar que o território sofreu uma grande transformação, pelo que na época em que o Mosteiro foi erguido, o que atualmente é uma pequena ribeira que dá nome ao local, continha afluência de água que permitia a navegação por meio de pequenas embarcações, o que possibilitou o transporte nomeadamente da pedra, de Condeixa até à Ribeira de Seíça. (Cintrão, 1988)



## INDICAÇÃO DA NORMA A SEGUIR

Para o desenvolvimento da seguinte dissertação será utilizada a norma American Psychological Association (APA) como norma de referência bibliográfica, por ser uma das normas mais utilizadas em vigor, de modo a tornar a leitura mais acessível.



Img.10 Piso superior do claustro



Img.11 Contraste de séculos no Mosteiro (foto da aula de campo)

## ESTADO DE ARTE

A extinção das ordens religiosas em 1834, foi motivada pela consolidação do liberalismo no final da Guerra Civil Portuguesa, que durara desde 1832. Foi então decretada uma reforma que visava remover o excessivo poder do clero, privando-o do seu poder económico e social, assim como a sua influência política. Este processo levou à extinção imediata de todos os conventos, mosteiros, escolas e quaisquer outras casas religiosas masculinas, ficando os seus bens à disposição do Estado. As ordens religiosas femininas continuaram a existir, até ser regulada em 1862, que também estes conventos e mosteiros seriam extintos pelo óbito da última devota, não podendo estes admitir novos membros. (Martins, 2011)

O Mosteiro de Santa Maria de Seiça, tratando-se de um convento masculino representante da Ordem de Cister, ficou ao abrigo do estado português. Em alguns casos foi salvaguardada a sua posse destes imóveis pelo Estado, em outros onde não terá sido atribuído qualquer valor patrimonial à época, terão sido consequentemente vendidos a particulares, que fizeram o seu livre usufruto sem pensar em questões de conservação patrimonial, ou mero respeito pelos locais outrora sagrados. Estes foram na sua maioria transformados em habitação, celeiros agrícolas ou unidades industriais, como foi o caso do Mosteiro de Seiça.

Com o mais recente pensamento crítico em arquitetura e conservação do património arquitetónico, na sua maioria foram novamente adquiridos pelo estado, ou acordado por este o investimento por parte grupos hoteleiros, de modo a garantir a sua conservação. Deste modo, muitos antigos mosteiros e conventos foram reconvertidos na sua maioria em espaços culturais ou pousadas, dependendo sobretudo da sua localização, existindo também alguns casos em que acolheram diferentes programas de modo a responder a necessidades locais. No caso em estudo, o Mosteiro de Seiça encontrava-se devoluto desde o encerramento da unidade fabril dedicada à secagem e ao descasque de arroz, em 1976. Votado ao abandono e resistindo às intempéries, o que subsistiu do complexo monástico cisterciense encontrava-se em avançado estado de ruína.

À data que este trabalho foi proposto num âmbito académico, pelo Professor Victor Mestre, existia apenas um projeto para a reconversão do antigo espaço monástico numa pousada. Projeto esse que não foi para a frente por implicar um custo avultado, face a degradação do edifício e à sua localização um pouco remota, o que levou a questionar a viabilidade e sustentabilidade do programa.

Posteriormente ao início deste trabalho, a Câmara Municipal da Figueira da Foz adjudicou a obra de reabilitação, orçada em cerca de 2,7 milhões de euros à empresa Teixeira Duarte. Começando o Mosteiro a ser intervencionado no início de 2022, com a implementação



Img.12 Claustro do Mosteiro de Seiça



Img.13 Claustro do Mosteiro de Seiça

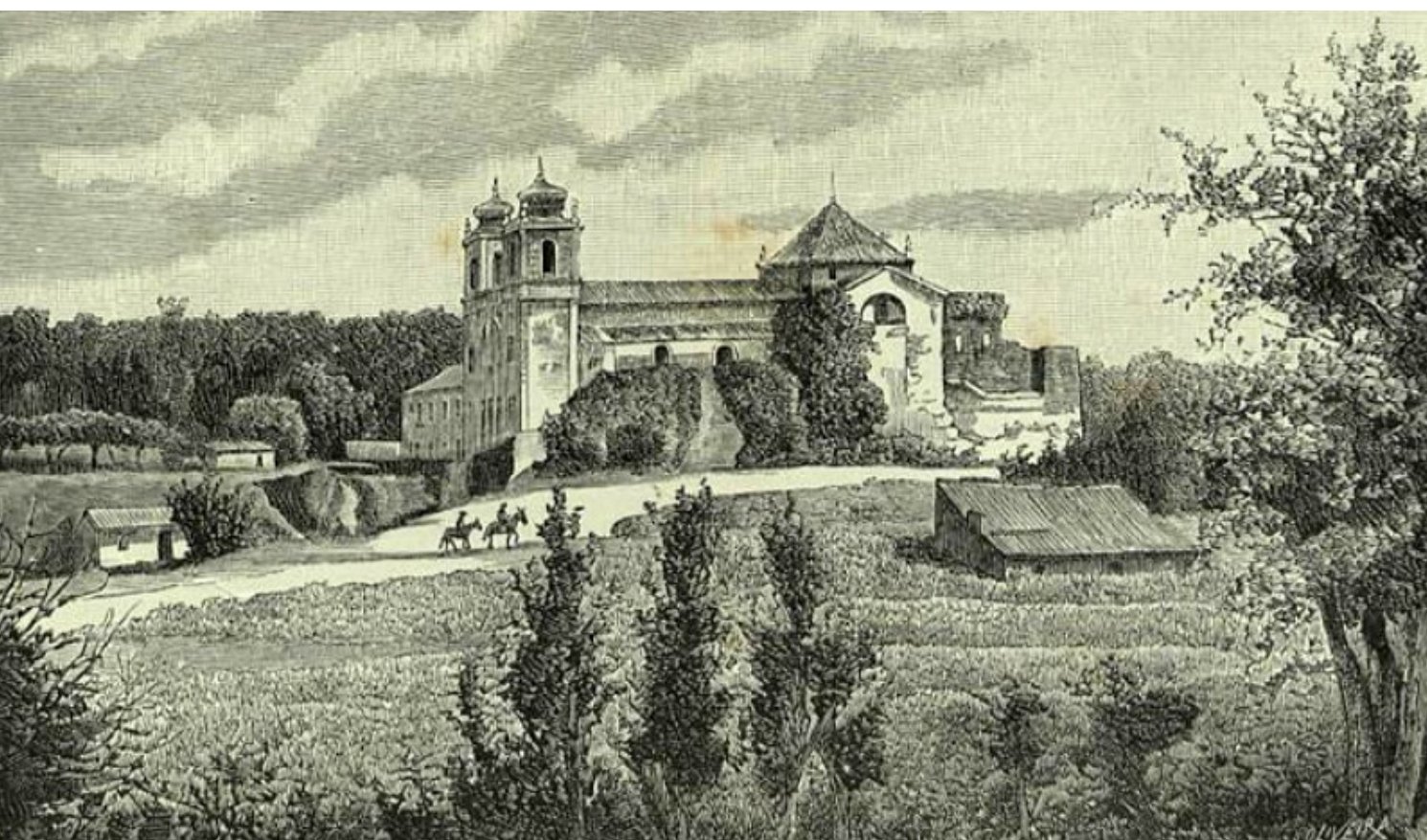
de um projeto de arquitetura elaborado pelo Atelier 15, no Porto, concebido pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, que visa a reconversão do espaço do Mosteiro de Santa Maria de Seixa num espaço sem programa definido. Os trabalhos permitirão a consolidação da fachada monumental da igreja em ruínas, assim como a reabilitação do edifício monástico adjacente. (Redação as Beiras, 2021)

A intervenção planeada pelo Atelier é dividida em três fases diferentes. A primeira incide na preservação do edifício monástico, que abrange a estabilização da ruína da igreja e das alas subsistentes. A segunda fase foca-se no restauro do interior da capela octogonal, e a terceira tem como objetivo a requalificação do espaço compreendido entre o mosteiro e a capela, com o melhoramento do percurso entre ambos por meio da adição de um novo espaço verde. (Mosteiro de Seixa, 2021)

Em Dezembro de 2021, a Câmara Municipal da Figueira da Foz consignou a empreitada que visa a requalificação da ruína do Mosteiro de Seixa, com os trabalhos a terem início em 2022 e um prazo de execução de dois anos. (Redação as Beiras, 2021)



Img.14 Mosteiro de Santa Maria de Seça, século XIX



Img.15 Gravura de Seça "O Ocidente 1887"



### A ORDEM DE CISTER

No decorrer da sua evolução, a ordem Beneditina sofreu numerosas reformas, devido à eventual decadência da disciplina no interior das suas casas monásticas. A primeira chamada de cluniacense, sendo o nome proveniente de Cluny em França, onde se formou a primeira abadia desta reforma no início do século X. (Rodrigues,2014) Esta nova ordem, devota no cumprimento da Regra de São Bento, teve bastante influência na expansão da religião cristã por toda a Europa, de maneira que todos os mosteiros beneditinos se regiam pelo domínio de Cluny. (Martins, 2011)

Deste modo, os cluniacenses adquiriram grande poder político e económico, o que levou à decadência moral da reforma cluniacense. Esta encontrou uma importante contraparte na reforma cisterciense, que procurava afastar-se do estilo cluniacense, que caíra na ostentação da riqueza nas suas casas conventuais e na dependência de doações feudais. A nova reforma, proveniente de Cister em França, onde se formou a primeira abadia no final do século XI, surgia com o objetivo de impor a prática estrita da Regra de São Bento e o regresso à vida contemplativa de devoção a Deus. A ordem de Cister subsistiu como ordem benedita independente, distinguindo-se dos demais monges da ordem de São Bento pela cor branca do seu hábito religioso. (Morgado,2012)

Os monges brancos praticavam uma vida de clausura, regidos pela oração e perpetuação do bem comum, levando uma vida regrada e dedicada ao trabalho do campo, seguindo o princípio fundamental da ordem de São Bento “Ora et Labora”. Utilizavam a escrita e a leitura como forma de divulgação da palavra de Deus, acolhiam e ajudavam os necessitados e promoviam o ensino. (Rodrigues, 2014) Hospedavam também peregrinos e viajantes nos seus mosteiros, onde estes utilizavam um refeitório anexo ao dos monges, sem contacto visual com os mesmos, mas ouvindo a sua leitura de liturgias em latim durante a refeição. Os monges com o intuito de manter os seus corpos purificados, mantinham-se reclusos no ato de se alimentar, tendo uma dieta baseada em água, pão, frutas e legumes, além de consumir bastante vinho. (Holanda, 2018)

Os monges de Cister procuravam locais remotos para implantarem os seus mosteiros, de maneira a ajudar uma melhor prática do isolamento, em terrenos férteis de modo a permitir o seu autossustento através da agricultura, o que lhes permitia levar uma vida modesta e de profissão da fé, o mais semelhante à vida de Cristo. Com a necessidade de sustentabilidade o convento teria de ter fácil acesso a água potável para sua sobrevivência, higiene e rega dos campos, o que gerou a procura por parte das comunidades cistercienses pela inovação na criação de meios para o conseguir. A ordem de Cister revelou-se de extrema importância para a gestão e organização do território, e no desenvolvimento de engenhos e técnicas agrícolas para exploração dos recursos naturais presentes no território. (Jorge,2012)



Img.16 Mosteiro de São João de Tarouca



Img.17 Mosteiro de Alcobaça

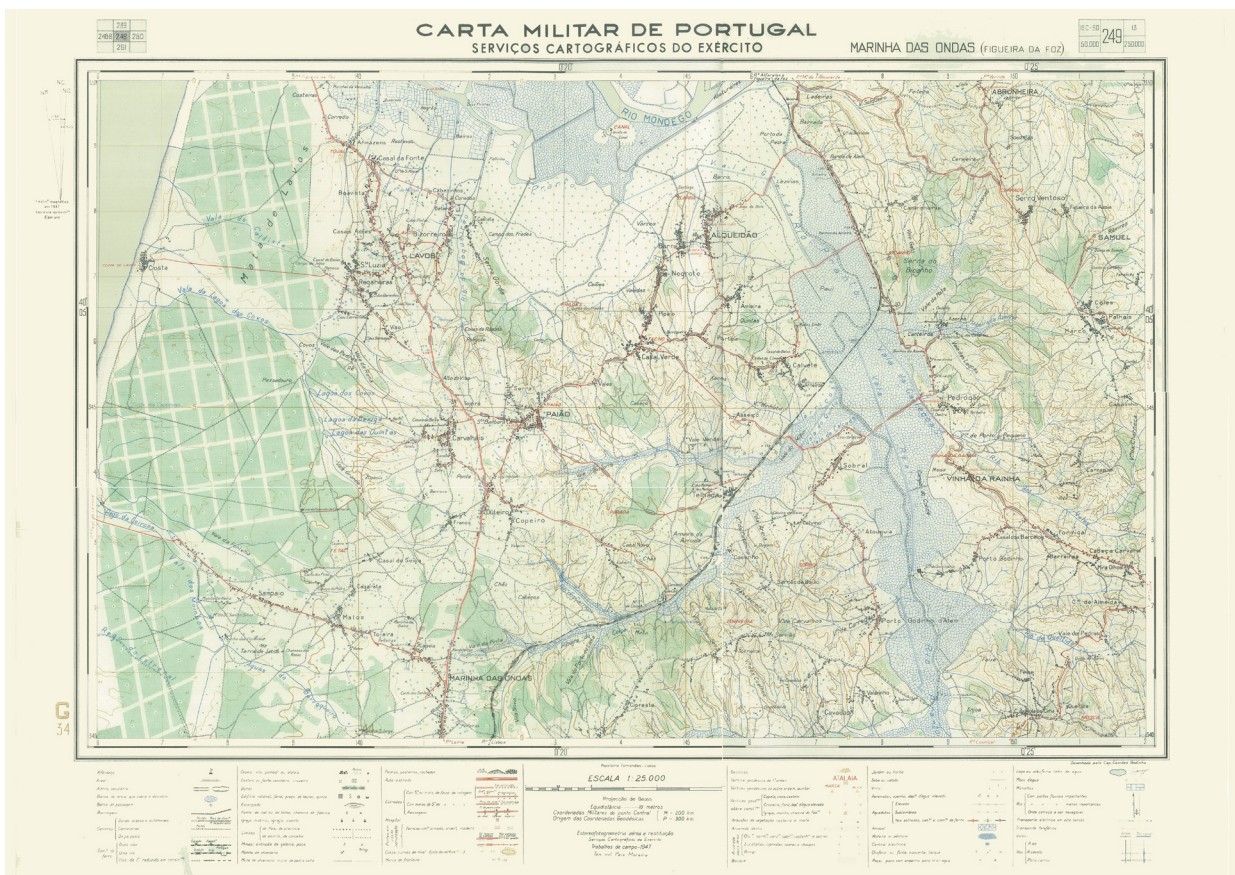
A arquitetura cisterciense, na sua origem, regeu-se segundo as regras do abade agora canonizado, São Bernardo de Claraval. Este foi o principal responsável pelo surgimento da reforma Cisterciense, tendo delineado um conjunto de princípios segundo os quais os monges deviam reger o seu quotidiano, de modo a fazerem um voto de pobreza, castidade, obediência e de contributo para a preservação da Terra Santa, missão pela qual dariam a sua vida. Dada a vida conservadora procurada pelos monges, a construção das suas casas monásticas possuía uma arquitetura minimalista, com simples ornamentação e de dimensões modestas, organizadas segundo um esquema de planta em claustro, fundamental para que os monges que praticavam o isolamento terem algum contacto com o exterior. (Cabete,2014)

As obras cistercienses que encontramos presentes por toda a Europa, seguem o mesmo padrão quanto à sua organização em planta. A igreja é implantada segundo o modelo de planta em cruz latina, que surge geralmente orientada segundo um eixo nascente-poente. Pela igreja é feito o acesso à sacristia e à sala do capítulo pela zona do transepto, ficando o dormitório dos monges no piso superior dessa mesma ala. O refeitório fica situado na ala oposta à igreja, num volume que surge na perpendicular relativamente à mesma, e é fechado o claustro com a ala destinada ao abrigo dos conversos, ficando esta na fachada do edifício, desenhando o limite entre o espaço comum e o espaço de clausura.

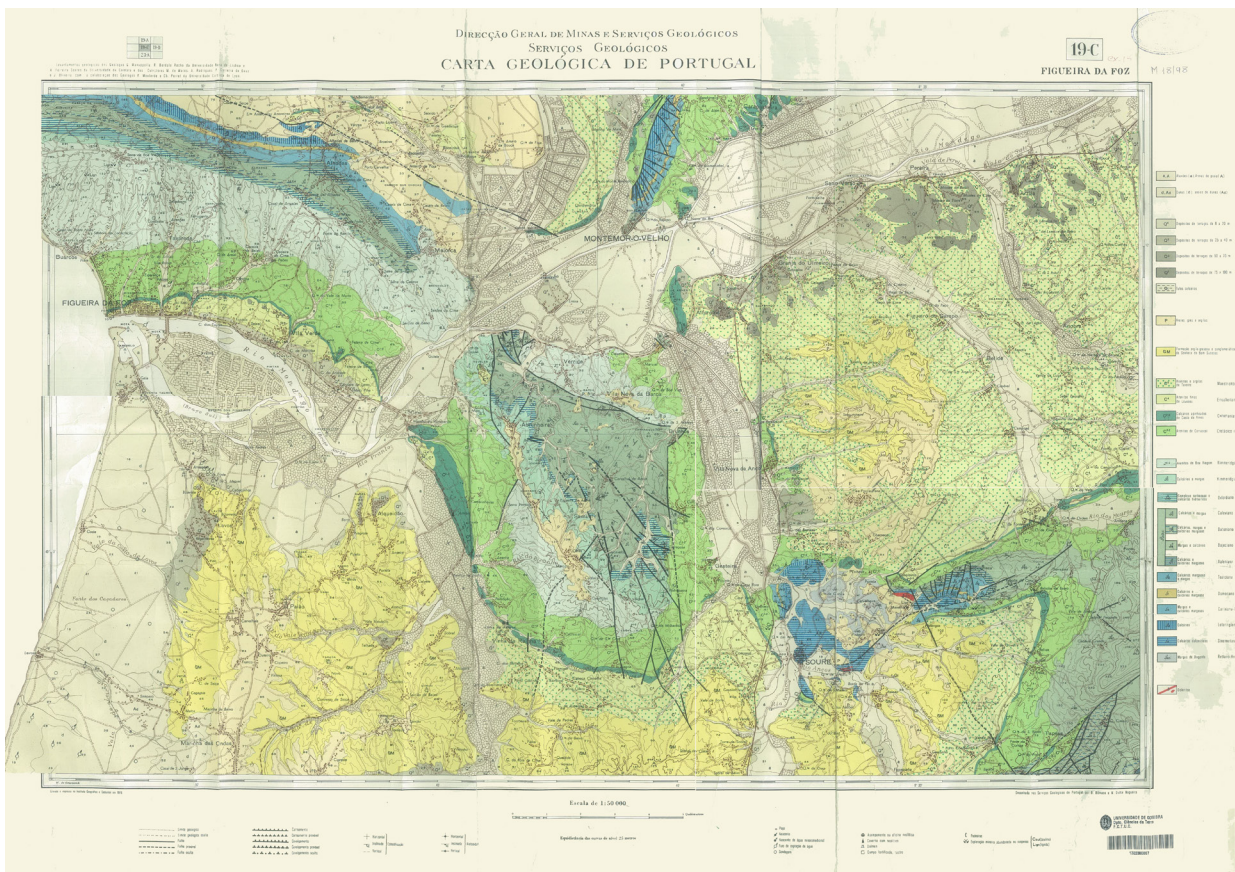
Os cistercienses procuravam um estilo puro e racional com a utilização da pedra sólida na construção das suas casas conventuais, com elementos de simples ornamentação e fachadas modestas com poucos elementos de decoração. As igrejas são abobadadas e na sua origem não possuíam torres, sendo desprovidas de elementos de decoração, contendo capitéis simples e ausência de vitrais. Para além da pedra, o material mais utilizado pelos cistercienses nas suas construções era a madeira e mais tarde o ferro, revelando-se a sua capacidade de desenvolvimento técnico para acompanhar a evolução de novos meios. (Rodrigues, 2014)

Encontramos esta tipologia implementada na Abadia de Fontenay, em França, assim como no Mosteiro de São João de Tarouca, que se revela a primeira edificação cisterciense em território português, construído no século XII para albergar um convento masculino da Ordem de Cister. Uns séculos mais tarde, com o surgimento do estilo barroco em Portugal no final do século XVII, as igrejas destes conjuntos monásticos começam a ter torres e alguma decoração, como é o caso do Mosteiro de Seiça e do Mosteiro de Alcobaça.

A presença da ordem de Cister em Portugal é contemporânea à formação do país, pela reconquista de territórios ibéricos de forma a estabelecer o território. Nesse processo tornou-se fundamental assegurar o território conquistado e onde foi importante o papel dos monges de Cister na gestão do território. Era de grande interesse do Rei a presença da ordem para controlo do território, conhecendo as suas filosofias de humildade, inovação e



Img.18 Carta Militar, Marinha das Ondas, 1947



Img.19 Carta Geológica de Portugal, Figueira da Foz, 1981

desinteresse pelos bens materiais, iriam ajudar a colonizar e defender os territórios do reino sem intenções de se apoderarem delas. (Martins, 2011)

A ordem cisterciense no início do século XIII dependia dos conversos, religiosos laicos não participantes das liturgias e iletrados em latim, que tinham convivência nos mosteiros e eram encarregados dos trabalhos do campo. A ordem reconhecia os conversos como membros, a quem se deve o crescimento de granjas em Portugal, o que permitiu um notável melhoramento económico no território por via do trabalho do campo. As granjas dispunham normalmente de dois tipos de edificações, uma destinada à atividade agrícola como armazém, outra destinada à instalação dos conversos, composta basicamente por um espaço de cozinha, refeitório e hospedaria. As granjas criaram uma dinâmica que atraía as populações para as terras demarcadas pelo Mosteiro, sendo proporcional o aumento do número de granjas e a extensão do território de colonização da abadia. (Martins, 2011)

Nesta perspetiva, as granjas representaram a eficácia no controle administrativo do território, assim como a autossuficiência produtiva, funcionando como unidades agrícolas autónomas administradas pelo abade do mosteiro e exploradas diretamente pelos religiosos. (Martins, 2011) Os cistercienses, a partir da reforma de São Bernardo, equiparavam o trabalho manual nas granjas ao ato de oração, ou seja, o trabalho deixou de ser encarado como uma forma inferior de atividade ou punição e foi elevado à sua finalidade. A expansão económica adquirida com a inserção das granjas ao longo do território, andou em conjunto com a organização dos mosteiros da ordem. (Holanda, 2018)

850	Abade João constrói uma ermita em Seiça
1175	D. Afonso Henriques funda o Mosteiro de Seiça como agradecimento do milagre de Seiça
1195	O Mosteiro é doado por D. Sancho I à Ordem de Cister
1567	O Mosteiro de Seiça é incorporado na Congregação Autónoma de Alcobaça
1572	O Mosteiro é reconstruído, reinava D. Sebastião
1834	Extinção das ordens religiosas
1861	O Mosteiro é entregue à paróquia do Paião
1888	Transepto e altar-mor do Mosteiro demolidos para a passagem da linha de caminho de ferro
1895	O Mosteiro é adquirido por particulares
1911	Transformado em Fábrica de descasque e secagem de arroz
1976	Edifício novamente ao abandono
2004	Aquisição do Mosteiro pela Câmara Municipal da Figueira da Foz
2013	Fundação SMS - Associação dos Amigos do Convento de Santa Maria de Seiça
2018	Elevação a Monumento Nacional
2022	Início da empreitada que visa a reabilitação da Ruína de Seiça

## O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA

Embora não se consiga definir com precisão a data da fundação do cenóbio de Seiça, o mais antigo registo que se conhece data do início do século XII, que apenas refere um Mosteiro junto ao rio Mondego, que não seria no mesmo sítio onde se encontra atualmente. (Cintrão, 1988) Anos mais tarde, foi doada por D. Afonso Henriques à comunidade de Seiça uma carta de couto, carta esta que à época definia um conjunto de terras num lugar circunscrito pertencente ao clero, utilizado como forma de ordenação do território e necessidade de povoamento. (Antunes, 2012) Esta doação, reza a lenda, terá surgido como agradecimento do milagre de Seiça, que dita a história de um cavaleiro que terá falecido durante uma caçada pelas terras da Figueira da Foz, e D. Afonso Henriques, sabendo da existência da ermita em Seiça, se terá dirigido ao local para fins de o sepultar, porém, na chegada ao local o cavaleiro acabaria por ressuscitar. (Anttonen & Medlam, 2014)

Na mesma época, crescia a ordem de Cister em Portugal, espalhando as suas casas conventuais pelo território então reconquistado. No reinado de D. Sancho I, Seiça começou a albergar uma comunidade de monges brancos crentes da Ordem de Cister, caracterizada pela simplicidade na sua vivência monástica de devoção a Deus, sendo a oração, o estudo, o ensino, a organização de cartórios e a cópia de manuscritos as suas principais ocupações dentro do espaço conventual. Exerciam a prática de isolamento e clausura, e viviam do trabalho do campo. (Pereira, 2020)

Embora protegido pela coroa, o Mosteiro de Seiça viria a ser suprimido por D. João III em 1555, devido a desentendimentos constantes com a casa-mãe de Alcobaça, e seus bens doados à ordem de Cristo, destinados à edificação do novo mosteiro em Carnide. Seria já no reinado de D. Sebastião, que a abadia Cisterciense viria a ser restituída através da Bula de Pio IV “Hodie a nobis emanarunt littere” que anulou a extinção do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, em 1560. Em 1567, foi criada a Congregação Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça para proceder à reconstrução e reformulação dos seus conventos, começando a obra para a reconstrução do Mosteiro de Seiça em 1572, segundo um projeto de autoria de Mateus Rodrigues. (Antunes, 2012)

O Mosteiro de Seiça passaria a funcionar como centro de estudos filosóficos da ordem, devido à sua proximidade com o Colégio de Santa Cruz de Coimbra. Numa primeira fase, foram construídos os novos espaços regulares organizados por dois claustros, implantados a norte da igreja. (Antunes, 2012) O piso térreo do edificado era constituído por uma zona de portaria, cozinha, refeitório, celeiro, casa do capítulo, adega, oficinas, currais e cavalariças. O piso superior era composto pelas celas dos dormitórios, livraria e sala abacial. Apenas precisamente um século mais tarde, em 1672, foi demolida a igreja medieval subjacente ao mosteiro para dar início à construção da atual igreja. (Pinto & Gaspar, 2012)



Img.20 Implatação Hipotética do Mosteiro de Seiça, século XVI  
Segundo o registo de levantamentos partilhados pela CM da Figueira da Foz



Img.21 Implatação Hipotética do Mosteiro de Seiça, século XVII  
Segundo o registo de levantamentos partilhados pela CM da Figueira da Foz



Img.22 Implatação do Mosteiro de Seiça, século XVII e XIX  
Segundo o registo de levantamentos partilhados pela CM da Figueira da Foz



Img.23 Planta de Coberturas atualizada



A nova Igreja, erguida sobre uma planta em cruz latina, é composta por uma nave de quatro tramos, para a qual se abrem capelas laterais intercomunicantes. Os vãos são compostos por arcos romanos, de dimensão rigorosamente igual e o transepto abobadado no cruzeiro. Todas as coberturas são em abobada de berço, sendo a nave segmentada por arcos torais, exceto na zona do cruzeiro, sendo que esta era coberta por uma cúpula. A capela-mor era retangular, e o acesso ao coro alto era feito através do piso superior do claustro, assim como o acesso à torre sineira do lado sul. (SIPA, 2022)

## O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA APÓS 1834

Com a saída forçada dos monges cistercienses, consequente da extinção das Ordens religiosas em 1834, o Mosteiro de Seiça foi deixado completamente ao abandono e à mercê das intempéries e do vandalismo. Com a extinção dos monges de Seiça, as talhas e alguns retábulos em pedra da igreja do mosteiro foram distribuídos por outras igrejas do concelho e o conjunto arquitetónico apropriado pelo Estado. (Sousa, 2018) Assim como todas as casas conventuais agora vazias, ficou ao encargo do Estado a atribuição de novas funcionalidades, valorizadas como monumentos ou adequadas para a inserção de escolas, quartéis e outros fins. Alguns foram salvaguardados da venda, enquanto outros foram vendidos a particulares e transformados em habitação ou unidades industriais.

No caso do Mosteiro de Seiça, foi entregue à Paróquia de Nossa Senhora do Ó do Paião para o fim que melhor lhes aprouvesse, que inicialmente tinha por objetivo transferir o culto da Igreja Matriz do Paião para o extinto mosteiro, que se encontrava sem qualquer utilização, pelo motivo de ambas as igrejas necessitavam de intervenção para o seu restauro, intenção essa que foi descartada dada a localização do Mosteiro num lugar isolado e bastante distante das várias povoações. Desde então, o cenóbio de Seiça foi sofrendo às mãos dos Homens que nele apenas viam valor económico. O estado de degradação do Mosteiro ia aumentando até que é deliberado a demolição da sacristia e o gigante de pedra do lado sul, para utilizar a pedra no cemitério e no adro da igreja matriz do Paião. (Pinto & Gaspar, 2012)

Em 1888, com a construção do troço de caminho de ferro da Linha do Oeste, entre Leiria e Figueira da Foz, deu-se mais uma grande perda na estrutura da Igreja do Mosteiro, com a demolição das estruturas subsistentes do presbitério, do cruzeiro e do transepto, as quais se encontram afetadas pela zona de proteção da Linha do Oeste por esta passar a escassos metros.

Com esta perda, o sobrante da antiga igreja assim como o terreno correspondente à sacristia agora demolida, acaba por ser vendido a particulares em 1895, acabando estes por adquirir posteriormente também o restante da propriedade. (Sousa, 2018)



Img.24 Zona do antigo transepto Mosteiro de Santa Maria de Seça



Img.25 Interior da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Seça

As características do espaço do antigo mosteiro, como o grande pé direito da igreja, o abastecimento de água assegurado pela Ribeira de Seiça e a atual proximidade com a linha de caminho de ferro, foram fatores decisivos que levaram à instalação de uma unidade industrial dedicada ao descasque de arroz na ruína do Mosteiro, dada também a sua localização, estando este inserido na zona do Vale do Mondego, principalmente caracterizada pelo cultivo do arroz. Essa indústria esteve em laboração até 1976. Após o seu encerramento o Mosteiro ficou devoluto e ao abandono, agravando-se ao longo do tempo o seu estado de ruína. (Pinto & Gaspar, 2012)

Embora o antigo convento da ordem de Cister se encontre atualmente em avançado estado de ruína, destaca-se o volume da igreja amputada em metade do seu tamanho e sem a abobada da nave, continuando a ser a peça mais interessante do edificado subsistente. Apresentando um traçado rigoroso, que se acentua pela sua verticalidade e robustez, bem como a clareza das formas, a sua ordem, proporção e simplicidade de leitura. Possui uma fachada com remates bolbosos nas torres, que sobressai em relação ao restante conjunto, marcada pelo grande corpo central, cujo tema arquitetónico se resume à aplicação de pilastras de ordem colossal, bem ao gosto do maneirismo chão, com a utilização de proporções áureas. (Rodrigues, 2014)

Remanescem também duas alas do antigo convento Cisterciense organizado sobre dois pátios, tendo sido amputada a ala nascente e parte do claustro a norte. Permaneceram as zonas correspondentes aos antigos espaços destinados à portaria e hospedaria, e parte das celas dos dormitórios que seriam no piso superior, e o corpo central que correspondia à zona de cozinha, refeitório e livraria. (Pinto & Gaspar, 2012)

Em 2002, o Mosteiro de Santa Maria de Seiça foi classificado como Imóvel de Interesse Público. Posteriormente a Câmara Municipal da Figueira da Foz assina um contrato de promessa de compra e venda do antigo convento com um dos proprietários, António Carriço. Desde a sua aquisição, cuja escritura data de 9 de Março de 2004, que a autarquia tenta encontrar uma solução para evitar a perda do património subsistente. (Direção-Geral do Património Cultural, 2022)

Apesar de se encontrar em muito mau estado de conservação, o Mosteiro de Seiça afirmou-se no contexto monástico português como um dos maiores exemplares da Ordem de Cister, tendo tido grande importância no desenvolvimento da região e fazendo parte do roteiro desta mesma ordem, motivo pelo qual posteriormente foi proposta a alteração do estatuto do imóvel para monumento nacional. (Direção-Geral do Património Cultural, 2022)



Img.26 Passagem do comboio junto ao Mosteiro



Img.27 Vista para o exterior da entrada da igreja

### DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

Este projeto tem como objetivo, não só a conservação do antigo mosteiro cisterciense, mas também intervir no melhoramento do território envolvente ao complexo monástico, que vislumbra por completo a paisagem em redor, composta no seu todo por território florestal desordenado e terrenos baldios, impedindo o aproveitamento de terras outrora utilizadas para o cultivo e a sustentabilidade da vida no mosteiro. Em ambos os programas já acolhidos pela atual ruína, o mosteiro e a fábrica, a sustentabilidade era adquirida pela exploração de recursos provenientes do território, maioritariamente derivados da atividade agrícola.

O novo programa proposto para o edifício, surge da decisão de adaptar o espaço do mosteiro à imposição da indústria na paisagem envolvente e sobretudo às marcas irreversíveis no seu desenho. Na impossibilidade de retomar o programa para o qual foi construído, mas recuando na história do edifício, conseguimos encontrar um conjunto de influências de grande importância histórica na relação com o território. Deste modo, foi procurado não só reabilitar o construído do Mosteiro, mas repor a influência da ordem de Cister na gestão do território, inserindo uma nova industrialização no espaço do Mosteiro, conservando a sua memória, de maneira a utilizar o edifício para dar resposta a uma necessidade atual, que ao mesmo tempo faz parte da influência histórica do edifício no território envolvente, quando albergava o programa para o qual foi construído, a Ordem de Cister.

Pretende-se, assim, a criação de um centro tecnológico que incida sobre os problemas ambientais atuais, com foque inicialmente nas áreas verdes envolventes ao Mosteiro, que tal como este carecem de urgente intervenção para devida limpeza e ordenamento. Posteriormente, deverá continuar e incidir nas áreas de pinheiro-bravo da zona litoral, que tal como o mosteiro tiveram grande importância na história de Portugal. Estas áreas têm sido bastante devastadas por incêndios nos últimos anos e outras estarão mesmo a ser apoderadas pelo descontrolo na expansão de outras espécies, nomeadamente acácias e eucaliptos. A necessidade de solucionar o controlo do crescimento de espécies indígenas é cada vez mais atual, podendo vir a tornar-se um grave problema ao pôr em causa a biodiversidade, estando as zonas desflorestadas expostas a essa invasão se não forem intervencionadas.

Com este trabalho é proposto que a reabilitação da ruína do Mosteiro de Seiça seja integrada em parte num investimento que ainda se revela necessário no ICNF, (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas), que se apresenta como o principal órgão de gestão das atividades que o programa procura vir a dar resposta.



Img.28 Interior do armazém fabril



Img.29 Interior do armazém fabril

Para além do estudo ambiental, desde a investigação, a formação e a logística, o programa pretende também incorporar um conjunto de equipas que deverão agir em conformidade com o núcleo da ANEPC (Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil). Integrando no programa a formação de sapadores, organização de intervenções para a limpeza e conservação da natureza e das áreas florestais desordenadas, com particular incidência na criação zonas corta-fogo que se revelam essenciais ao longo de todo o território que se pretende intervir.

Para a implantação do programa será necessário a colaboração de elementos de diferentes áreas, para o estudo e o planeamento de ações para intervir no território de forma consciente, de modo a conservar, aumentar e rentabilizar os recursos nessas áreas de maneira sustentável. Para o mesmo será criado um espaço de atelier e planeamento, subdividido em diferentes secções. Irá conter salas para formação de pessoal qualificado para desempenhar as diversas tarefas que apresenta o programa, possibilitando a aplicação de aptidões obtidas na componente industrial que sustenta o programa, criando assim postos de trabalho que incidem em todas as gerações. Irá conter também espaços para organização de equipas para intervir no território, assim como espaços de apoio à componente prática do programa, consistindo em espaços para trocas de roupa e higiene, e espaços para arrumo do equipamento necessário à realização de todas as tarefas de campo.

O trabalho de campo consistirá na limpeza e manutenção das áreas florestais que carecem de manutenção, essencialmente de pinheiro-bravo. Promover-se-á a replantação de áreas ardidas, a plantação de novas áreas e o melhoramento e criação de acessos a áreas mais isoladas. Far-se-á também o aproveitamento de recursos que resultem das mesmas operações de limpeza de zonas de densidade florestal em excesso, através de parcerias com empresas locais para posterior processamento, e recolha da resina dos pinheiros para posterior tratamento.

O pinheiro-bravo é uma espécie de onde se obtém boas matérias-primas para as mais diversas aplicações, o antigo mosteiro deverá integrar também um espaço de laboratório dedicado à investigação das principais causas de doenças que incidem sobre esta espécie, assim como uma zona dedicada ao processamento da resina.

A resina revela-se uma matéria natural renovável capaz de substituir o petróleo na fabricação de certos produtos que se tornaram essenciais no quotidiano, levando atualmente a um aumento da sua procura face às atuais carências ambientais. A exploração e o tratamento da resina pode garantir sustentabilidade económica a longo prazo de todo o programa de intervenção para melhoramento do coberto florestal e para a preservação da ruína do Mosteiro de Seiça, dois marcos históricos que carecem de uma urgente intervenção, sendo a do edifício pontual, e a do território mais abrangente e sempre necessária.



Img.30 Piso térreo do claustro



Img.31 Revestimento subsistente em madeira



A resina é uma matéria-prima natural proveniente de plantas coníferas como o pinheiro, e uma matéria sustentável para aplicação na indústria, se as áreas de produção forem devidamente cuidadas. Sendo possível extrair a resina sem prejudicar a vida do pinheiro, é obtida através de cortes no tronco, surgindo como mecanismo de defesa da planta, a goma é expelida para estancar e cicatrizar a ferida da árvore. (Resipinus, 2022)

Com a destilação da resina natural, obtemos dois componentes que dão resposta a vários produtos que utilizamos no dia a dia, terebintina ou aguarás e colofónia. A terebintina é um líquido incolor com forte aroma de pinho, é aplicado na indústria farmacêutica, de cosméticos e fragrâncias, utilizada como solvente para tintas, em detergentes, desinfetantes, pastilha de mascar entre outros. No processo de destilação da resina cerca de 80% da solução resulta em colofónia, matéria antigamente bastante utilizada em construções navais como impermeabilizante, atualmente é utilizado como matéria-prima para a fabricação de tintas, vernizes, borrachas sintéticas, colas, adesivos, linóleo, entre outros. (Resipinus, 2022)

Também a madeira de pinho será peça fundamental na reabilitação do mosteiro, por se tratar de uma matéria-prima com bastante abundância na sua envolvente, sendo um material com boas características para aplicação na construção, entre outras. O projeto para a recuperação do mosteiro pretende valorizar este recurso local sustentável e o seu uso na arquitetura, assim como reduzir os custos da intervenção na ruína de Seiça, através do aproveitamento da matéria-prima abundante e em excesso na envolvente, sendo que estas áreas de pinheiro-bravo no litoral em parte considerado património estão ao abrigo do Estado. Com as intervenções procuradas com o programa, esta matéria é extraída com o principal objetivo da remoção do excesso florestal que consome grande parte da paisagem, surgindo como matéria sobrança e assim evidentemente sustentável a sua utilização.

Para além das áreas de pinhal que envolvem o Mosteiro de Seiça, este encontra-se implantado numa zona compreendida como o Vale do Mondego, onde se destaca o vasto cultivo de arroz pela particularidade de áreas férteis com bastante abundância de água junto ao rio Mondego. (Borges, 1987)

O arroz é um dos cereais mais consumidos no mundo, e face ao crescimento dessa cultura local e mundial, também o mosteiro se adequou a essa indústria no século XX para dar resposta ao seu processamento e escoamento. Posteriormente já foram criadas outras infraestruturas para dar resposta a essa necessidade, mas ainda surgem algumas questões no âmbito do aproveitamento da casca do arroz, que representa esta cerca de 20% da quantidade total de arroz colhida, tornando-se um resíduo difícil de escoar. (RiceHUSK+, 2023)



Img.32 Estrutura do claustro em madeira sobre arcos e pilares em pedra



Img.33 Interior da igreja do Mosteiro de Seça

Atualmente intensificam-se pesquisas para a utilização de uma das sobras do processamento do arroz, a casca queimada, em uma mistura de betão que poderá até aumentar a sua resistência, e assim reduzir a poluição causada por este resíduo no meio ambiente. (RiceHUSK+, 2023) No mosteiro será mantida essa histórica relação com a cultura do arroz, introduzindo não só um núcleo de investigação na área, mas também na utilização deste compósito inovador que irá garantir a longevidade do edifício.

No mosteiro será ainda também um auditório que permitirá acolher outro tipo de atividades, assim como todo o tipo de eventos e atividades culturais que promovam o Mosteiro e a comunidade envolvente. O espaço será desenhado de modo a poder funcionar simultaneamente ou alternadamente, deixando de ser um lugar vazio e ao abandono quando visitado, ganhando vida com a classe trabalhadora nele inserida, conseguindo assim assegurar a sustentabilidade do projeto para reconversão do mosteiro de Seiça também num espaço cultural aberto à comunidade.

O novo programa, que promove a requalificação das áreas florestais, para além de garantir a sustentabilidade do edifício, possibilita a criação de emprego local, que maioritariamente será trabalho de campo. O que permite articular o programa funcional com a visita e uso esporádico do espaço do mosteiro, de modo a criar também um espaço lúdico e cultural que permite o conhecimento do Mosteiro e da sua história por parte de toda a comunidade, assim como a realização de eventos pontuais, explorando assim uma necessidade cada vez mais atual de coexistência entre a indústria e o ambiente.

## CASOS DE ESTUDO

Na escolha dos casos de estudo, foram procurados projetos de reabilitação de edifícios em diferentes fases de ruína, assim como diferentes tipos de intervenção para a preservação dos mesmos. O primeiro, e o mais idêntico ao caso em estudo neste projeto, o Mosteiro de Santa Maria do Bouro, por se tratar de um mosteiro da Ordem de Cister, onde o arquiteto Eduardo Souto Moura procurou manter a imagem de ruína apesar do novo programa; o segundo, o Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima, por ser integrado pelo arquiteto Fernando Távora na sua reabilitação um programa cujo desenho dos espaços e funcionalidades se aproximam dos que se pretende integrar no Mosteiro de Seiça com este projeto; o terceiro, a Catedral de Elgin, pela intervenção minimalista que sobrepõe a essência contemplativa da ruína e da sua memória ao novo programa, na procura da inclusão do seu conhecimento pela sociedade.



Img.34 Convento de Santa Maria do Bouro



Img.35 Interior do claustro após reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro

## CASOS DE ESTUDO

### MOSTEIRO SANTA MARIA DO BOURO - EDUARDO SOUTO MOURA

Antigo convento cisterciense, localizado em Amares em plena Serra do Gerês, no distrito de Braga. Os seus princípios de arquitetura refletiam a vida austera levada pelos monges brancos, nos detalhes minimalistas de decoração e no desenho dos espaços, de modo a proporcionar uma vivência quotidiana de rígida clausura. Para tal acontecer, o local para a implantação do mosteiro deveria proporcionar o acesso a água e terrenos férteis, de modo a conseguirem ser autossuficientes.

À semelhança do Mosteiro de Seiça, o Mosteiro de Santa Maria do Bouro também sofreu várias alterações ao seu desenho ao longo de séculos de transformações, ficando ao abandono com a extinção das ordens e posteriormente vendido a particulares. No século XX, o edifício já se encontra em elevado estado de ruína, quando foi adquirido pela Câmara Municipal e doado ao Instituto Português do Património Cultural, com a condição dos trabalhos para a sua consolidação começarem com a maior urgência. Depois de alguns projetos não avançarem, e o conjunto arquitetónico ter continuado a degradar-se, o projeto é então entregue ao arquiteto Eduardo Souto Moura em 1989. (Sampaio, 2012)

O edifício já se encontrava em avançado estado de ruína, o que levou à exclusão de uma primeira abordagem feita pelo arquiteto, de distinguir claramente a sua intervenção da construção pré-existente do mosteiro. Optou por preservar a imagem da ruína, apesar da nova ocupação, assumindo o edifício como elemento contemplativo. É integrado um diferente programa no edifício, neste caso uma pousada, de forma a dar uma continuidade natural ao espaço, que se verificou estar em constante adaptação ao longo de séculos de existência.

No claustro, as paredes em arcaria foram separadas das paredes do mosteiro, integrando a ruína no espaço do mosteiro, conservando visualmente a sua memória. Também o tradicional telhado em águas que já praticamente não existia foi substituído por um terraço coberto de vegetação, que com a sua contínua mudança ao longo do ano, remete visualmente para a ausência de telhado, mantendo assim retratada a memória da ruína. Representada também nas janelas e portas exteriores do edifício, onde surgem panos de vidro com a utilização de uma caixilharia quase impercetível, que remete para a ideia de buraco na parede de um mosteiro abandonado. No interior, foi procurada a simplicidade nos materiais e decoração, conseguindo assim remeter para um ambiente simples de um mosteiro Cisterciense. (Sampaio, 2012)



Img.36 Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima



Img.37 Novo volume do auditório criado por Fernando Távora

## CASOS DE ESTUDO

### MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE REFÓIOS DO LIMA - FERNADO TÁVORA

O Mosteiro em Refoios do Lima está localizado numa zona rural, que ocupa uma encosta na margem do rio Lima, no norte de Portugal. Documentado desde o século XII, terá sido fundado por D. Afonso Ansemondes para albergar os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, entregando o priorado do cenóbio a seu filho, até posteriormente ser unido à Congregação de Santa Cruz de Coimbra. O mosteiro, na sua origem, era composto por uma igreja em cruz latina, com uma torre sineira no lado direito da fachada, e por um claustro com as instalações para o abrigo dos monges com coberturas de duas e quatro águas. (Costa, 2016)

O mosteiro é separado do adro da igreja por um muro perpendicular à fachada, o que torna o mosteiro de acesso mais restrito e a igreja de acesso público, contudo existia uma ligação entre os espaços pelo interior. O claustro, onde permanece a fonte de água ao centro, possui dois pisos. O primeiro é composto por colunatas de ordem jónica, e por onde é feito o acesso às salas, o segundo piso é fechado com janelas. O mosteiro continha ainda uma área de cozinha com duas naves em abóbada de cruzaria com trabalhos em estuque, paredes forradas em azulejos e uma grande chaminé, um refeitório com mesas laterais e um pequeno púlpito ao fundo, um pequeno oratório e os dormitórios dos monges. (Costa, 2016)

Depois de várias fases de residência conventual, o mosteiro foi alvo de uma reconstrução no decorrer do século XVIII, e posteriormente votado ao abandono até 1986. Ano em que foi encomendado a Fernando Távora a recuperação do edificado e a alteração do programa para uma Escola Superior Agrária. Segundo ele, as especificidades do programa para a escola requeriam uma área maior do que a que pré-existia. (Costa, 2016)

No volume pré-existente do mosteiro, no piso de entrada, foram colocadas as áreas administrativas, os serviços e a secretaria. A cantina encontra-se no piso inferior ao da entrada e tem acesso apenas pelo exterior, a partir do pátio sul. No primeiro piso localizam-se as salas dos professores e no último piso as salas de aula e a biblioteca. No claustro, foi mantida a fonte central e fechadas as ligações do claustro à igreja, mas mantidas as marcações das mesmas em granito de forma a manter viva a memória do mosteiro original. Foi também a partir do claustro, através da antiga sala do capítulo, que foi feita a ligação com o novo volume do anfiteatro. Inicialmente, o anfiteatro era para ser construído paralelamente ao mosteiro, contudo no decorrer das obras a sua orientação foi alterada devido à existência de uma fonte. Esse novo volume, agora na perpendicular, acentua a marcação de um eixo que alinha o antigo claustro, a antiga sala do capítulo e a entrada principal. (Costa, 2016)



Img.38 Mosteiro de Refóios do Lima



Img.39 Refeitório do Mosteiro de Refóios do Lima



A nova residência para os estudantes tem quatro pisos, o piso térreo é atravessado por um percurso exterior que o divide em dois sectores. É composto por uma sala de espera, por um gabinete de gestão, um gabinete para a associação de estudantes, uma sala de convívio com bar, uma loja, uma arrecadação, uma rouparia e uma lavandaria e seis quartos com casa-de-banho. Todas os restantes quartos estão nos três pisos superiores. A zona dos quartos, do primeiro ao terceiro piso, é dividida ao centro por uma caixa de escadas e elevador. Em cada zona de quartos, uma em cada lado das escadas, existe uma pequena cozinha de apoio, uma sala de estudo e uma sala de convívio. O volume da residência, contém ainda uma pala paralela à fachada do mosteiro que adiciona uma maior área exterior coberta às zonas comuns. (Costa, 2016)

Os volumes do mosteiro e do anfiteatro são unidos por uma pequena ligação, mais baixa que os volumes de programa, que lateralmente é composto por panos de vidro, de forma a que o novo edifício toque na menor área possível da pré-existência. Neste ponto de ligação, Fernando Távora deixou passar pelo seu interior o caminho de água existente, como se o novo pousasse sem danificar sobre o pré-existente. O anfiteatro tornou-se num volume organizador do espaço, criando um novo pátio entre o volume do mosteiro e da residência dos estudantes. Este novo espaço criado pela nova orientação do auditório, abre para o vale como a pala desenhada na fachada sul da residência e contém um espelho de água que já existiria ao centro. As fachadas norte e sul do auditório são compostas por janelas de considerável vão que acompanham a área da plateia, contendo também uma saída de cada lado. De uma forma geral, todos os novos volumes surgiram de uma forma muito natural, compatibilizando a nova funcionalidade e o pré-existente. (Costa, 2016)

Segundo Fernando Távora “os homens fazem as casas, as casas fazem os homens, o que justifica a manutenção, no novo edifício, de uma escala e de um ritual de espaços que, traduzindo a presença de um passado que seguramente não volta, aqui se recordam e utilizam pela atualidade do seu significado.”<sup>1</sup>

1. Fernando Távora cit. por Alexandre Alves Costa, Luís Trigueiros (ed.) - Fernando Távora. Lisboa, Blau, 1993, p.116



Img.40 Catedral de Elgin



Img.41 Auditório inserido na ruína da Catedral de Elgin

## CASOS DE ESTUDO

### CATEDRAL DE ELGIN

A Catedral de Elgin é atualmente uma ruína histórica situada em Elgin, na Escócia, implantada junto ao rio Lossie. A igreja medieval data do século XIII, tendo passado por vários períodos de ampliação e renovação, grande parte devido a incêndios. A Catedral dedicada à Santíssima Trindade, albergou os seus cónegos até 1560, quando ocorreu a Reforma Escocesa que levou à rutura formal do parlamento escocês com a igreja católica romana. (Smith, 1877) Com essa reforma vivenciaram-se consequências um pouco semelhantes à extinção das ordens religiosas em Portugal no decorrer do século XIX, a imediata extinção das casas monásticas masculinas, e as femininas com o fim de vida da última canonisa.

Deste modo a antiga catedral terá sido abandonada, como inúmeras outras e os seus serviços transferidos para a igreja paroquial de Elgin, St Giles. Em 1567, com a remoção do chumbo que impermeabilizava a cobertura, a catedral entrou em decadência e o seu estado de deterioração foi aumentando gradualmente. O seu interior começou a ser alvo de furtos e a madeira que estruturava a cobertura utilizada para lenha. Em 1711, dá-se a queda da torre central, o que levou à destruição de grande parte da nave. Posteriormente, até mesmo a pedra da catedral terá sido utilizada para a construção de casas locais até ao século XIX, altura em que o edifício já tinha atingido uma condição significativamente ruínosa, quando as ruínas foram protegidas. (Smith, 1877)

A sua planta cruciforme ainda é perceptível, a fachada ocidental que liga as torres está quase completa, permanecendo o frontão acima da entrada de porta dupla, tendo sido reconstruída após o incêndio de 1390. Na fachada é ainda visível uma grande abertura para o exterior que contém traços e fragmentos do ornamento de uma grande janela em rosácea bastante utilizado no período gótico. As duas torres estão praticamente intactas e permanecem da primeira fase de construção. (Smith, 1877)

A sala do capítulo de forma octogonal encontra-se quase intacta, embora tenha sido alvo de inúmeras reformas posteriores, data de uma ampliação depois do incêndio de 1270. (Smith, 1877) Com a reabilitação do espaço da ruína e o projeto de arquitetura para a conservação da mesma, terá sido reabilitada apenas esta sala octogonal, com a reconversão deste espaço para a criação de um auditório. O restante aproveitamento do espaço da ruína, foi feito de forma a tornar todo o espaço percorrível por entre o sobrance da estrutura da catedral, sobre um piso em relva. Encontrando-se ainda embutidos ao longo do transepto, assim como no corredor sul do coro, grandes lajes em pedra que marcam as posições das iniciais sepulturas, sobressaindo-se sobre o atual pavimento em relva.



Img.42 Planta com as restrições delimitadas na RAN



Img.43 Foto da envolvente antes da passagem do furacão Leslie

## REABILITAÇÃO DA RUÍNA DE SEIÇA

O Mosteiro de Santa Maria de Seiça está situado numa zona parcialmente remota, sendo que à época da sua construção foi procurado esse mesmo isolamento por parte dos monges da Ordem de Cister, inserido numa zona de vale que contem uma pequena ribeira que outrora seria de maior escala, o que possibilitava a navegação de pequenas embarcações, assim como o acesso a água para alimentar o mosteiro e para regadio. (Cintrão, 1999) Atualmente, junto do mosteiro, foram desenvolvidos alguns lotes de habitação imediatamente a norte, implantados ao longo da rua que faz a ligação da vila de Paião ao Mosteiro de Seiça. Esses lotes são compostos por pequenas habitações, onde viveriam alguns trabalhadores na época em que o espaço do mosteiro terá sido utilizado para acolher um sector de indústria dedicada ao descasque e à secagem do arroz. Essas casas atualmente servirão como segunda habitação, e outras estarão mesmo desabitadas.

Com a conceção deste projeto pretende-se não só reabilitar o construído do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, mas também intervir no melhoramento da sua envolvente, caracterizada principalmente por áreas de grande densidade florestal. A intervenção começa por resolver a área junto ao mosteiro, com a replantação de árvores no espaço imediatamente em frente ao antigo convento, por onde se é feito o percurso que nos leva à capela de Santa Maria de Seiça, local onde ocorrem diversas atividades de culto religioso.

A plantação dessas árvores terá sido anteriormente pensada, onde até 2018 com a passagem do furacão Leslie, se destacavam árvores de grande porte rigorosamente ordenadas. (Img.43) Compreende-se uma regra que formava filas de árvores com um mesmo constante intervalo entre si, intervalo esse onde fora plantada apenas uma árvore, voltando a existir uma fila completa e assim consecutivamente. É desta forma utilizado este espaço como representação do principal objetivo que o programa proposto a ser inserido no Mosteiro de Seiça procura vir a resolver ao longo de todo o território anteriormente descrito.

Com a replantação destas árvores, é preservada a restrição à construção futura nesse espaço imediatamente em frente ao Mosteiro, e ainda se consegue um melhor usufruto do espaço para a comunidade, com a criação de áreas de sombra e a inserção de pequenos equipamentos de lazer, de modo a prolongar a zona de parque existente junto à Capela de Santa Maria de Seiça até ao Mosteiro, assim como o melhoramento do percurso entre ambos. A capela, de forma octogonal, cuja primeira construção data do ano 850, tendo sido reconstruída sucessivamente até aos dias de hoje, encontra-se imaculada e conservada com o último arranjo da sua envolvente a ser realizado no ano de 2004.



Planta de coberturas, escala 1/1000, com a actualização da Carta de Risco

Ainda neste projeto, é reconhecida a necessidade de tratar outros aspetos necessários no local envolvente ao Mosteiro de Seiça, como o volume existente do lado oposto da rua, que se trata de uma construção inacabada de um edifício que não segue o alinhamento padrão da rua. A reabilitação deste volume não será explorada neste projeto, podendo este ser integrado futuramente como um núcleo de casas de banho públicas de apoio ao parque e a toda a zona verde que se pretende criar, no percurso entre o Mosteiro de Seiça e a capela octogonal.

A ruína do Mosteiro, já foi anteriormente avaliada, onde foi feita a elaboração de uma Carta de risco, datada do ano 2011. (Ferreira,2011) Posteriormente a esse levantamento, o estado de ruína já se encontra mais avançado, principalmente devido à passagem do furacão Leslie. Esse furacão foi um dos maiores registados em Portugal, tendo atingido com maior impacto o distrito de Coimbra em Outubro de 2018, afetando com maior gravidade a zona costeira, por onde terá entrado no território continental. A deterioração dos elementos estruturais das coberturas do edifício, levou a que estas não resistissem às fortes rajadas de vento exercida sobre os mesmos, o que agravou a sua queda face à atual carta de risco existente.

Atualmente, o edificado está inserido numa zona que possui a leitura de um pequeno planalto, devido ao talude criado com a introdução da linha de caminho de ferro, que levou à demolição de parte do conjunto no final do século XIX. Com a passagem da linha de caminho de ferro, foi também limitada a construção a uma distância inferior a 10 metros delimitadas no PDM da Figueira da Foz, o que impossibilita a reconstrução do volume da igreja pelos seus limites anteriores. (Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2019)

Com a inviabilidade de remoção da linha de comboio que rasga a paisagem e o próprio edifício, pretende-se no desenvolvimento deste projeto assumir essa mudança, mantendo a história do Mosteiro bastante marcada ao longo de séculos de mudanças, retratada nas suas volumetrias e materialidades. Não é procurado que o edifício recue no tempo, nem que o espaço seja desenhado e recriado com os mesmos ideais dos monges de Cister, para uma função que não responde ao novo programa. Pretende-se utilizar novamente o espaço do Mosteiro para acolher um sector de indústria, desta vez com espírito crítico em arquitetura, de forma a conservar a sua memória, e respeitar que se trata de um lugar sagrado.

A ruína do antigo mosteiro será reabilitada de modo a utilizar os volumes pré-existentes, conservando os volumes que subsistem das antigas alas do convento, assim como a igreja e parte das fundações existentes do pavilhão industrial anteriormente anexado ao mosteiro, no alinhamento da ala nascente. Esta ala irá ser redesenhada de modo a devolver a proporção do seu todo ao antigo Mosteiro, removendo desta forma a atual leitura de sobreposição face à sua escala. Para tal, começarão por ser removidas todas as coberturas em duas



Nova planta de coberturas, escala 1/500





águas que cobrem todos os atuais volumes, erguidas outrora com recurso a uma estrutura em asnas de madeira e revestidas a telha cerâmica, que atualmente grande parte já ruiu e as restantes encontram-se bastante deterioradas. Conseguimos desta forma realçar o volume correspondente à antiga igreja do mosteiro, sendo este a peça mais interessante do conjunto, assim como manter viva a memória de ruína consumida pela vegetação. Ideia esta conseguida com a introdução de uma cobertura plana ajardinada, que percorre os volumes que permanecem das antigas alas do mosteiro em toda a sua extensão, que se vai desenvolvendo e alterando conforme a estação do ano. Desta forma, serão reduzidos todos os volumes em altura, atribuindo ainda maior destaque ao volume da igreja.

A ala nascente, onde agora se encontra implantada uma nave industrial também bastante degradada ao nível da cobertura, será conservada em parte. Será inserido um novo volume longitudinal, com as proporções da antiga ala, alinhado ao centro da construção pré-existente, servindo este para albergar os novos espaços de programa. Entre este novo volume e as paredes da atual construção, serão criados os eixos de circulação em volta dos diferentes espaços de programa, permitindo não só o acesso, como um percurso ao longo de todo o edifício com diferentes momentos que vão alternando entre interior e exterior.

O novo volume a nascente, surge no projeto com a principal função de resolver o edifício, de modo a conservar os pátios e a sua leitura. Irá assumir um carácter industrial na leitura do seu todo, sendo pretendido conservar a história do edifício no desenho da sua volumetria. Este será articulado num jogo de planos ao nível da fachada, conseguido com o aproveitamento de parte das paredes existentes, que remetem a sua leitura para o desconstruído da antiga ala do mosteiro, como uma ruína, pelo que o novo volume criado no seu interior assumirá um carácter de envolvimento com a paisagem.

No claustro a sul, onde permaneceu até aos dias de hoje a leitura do claustro cisterciense com uma estrutura em arcos que rodeiam o pátio apenas a norte e poente do mesmo, erguidos sob pilares em pedra, onde é estruturado o piso superior em madeira que se encontra bastante degradado. Possui um parapeito também em pedra que acompanha o desenho do claustro ao nível do primeiro piso. Sobre este, estão assentes colunelas de pedra, que suportam a referida cobertura em madeira.

O espaço do claustro, será reabilitado através da remoção das estruturas anexas nele inseridas com a apropriação do espaço do Mosteiro para a indústria, assim como redeseenhada a fachada interior a nascente, conservando a estrutura em arco de volta inteira agora emparedado ao nível do piso térreo. (Imagem.28) Este ponto em arco permite tirar partido da relação visual para o lado oposto, ao percorrer o novo eixo inserido a nascente, onde prevalece o desenho original do claustro e melhor se conservou a leitura do convento cisterciense. Na nova ala nascente será inserido o principal auditório com entrada ao nível do piso térreo, permitindo e quase obrigando ao percurso por esse momento visual.



Nova planta do piso térreo, escala 1/500

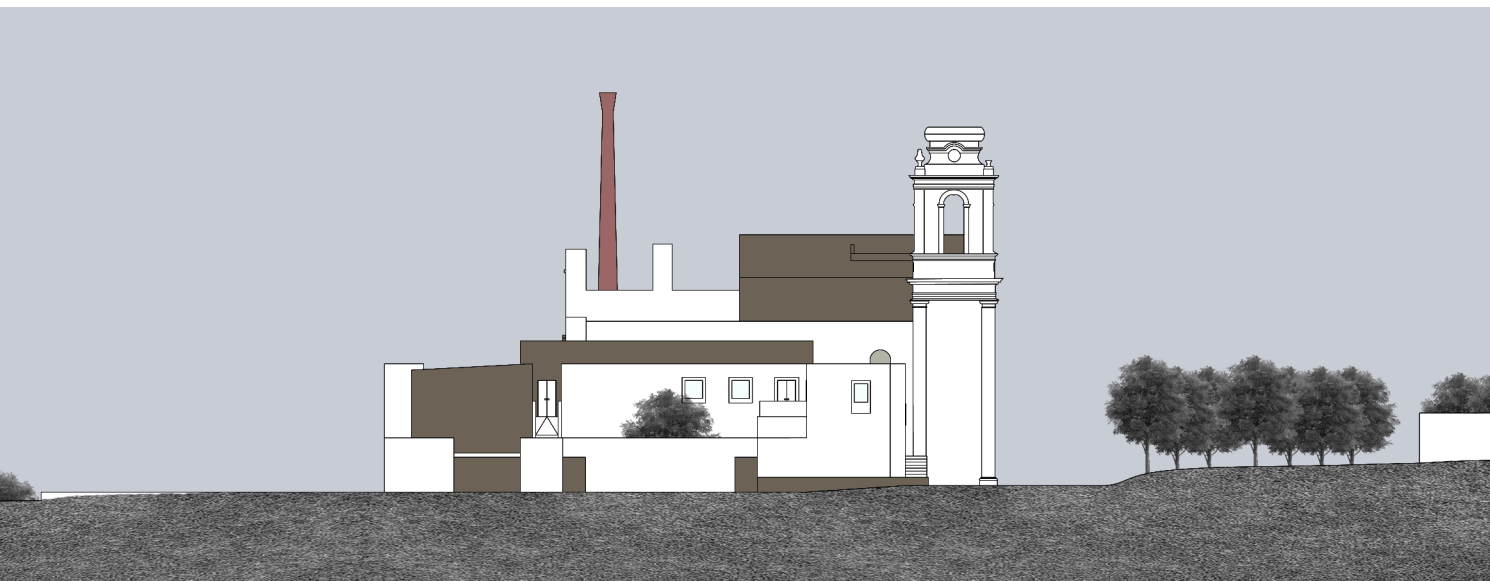


O pátio a Norte não será novamente fechado com a reconstrução da ala Norte, sendo este interpretado como pátio que pretende abrir o edifício na relação com a sua envolvente e com a natureza, como é procurado pelo novo programa, e não um espaço enclausurado como foi procurado anteriormente pelos monges de Cister. Para o desenho do mesmo, foram utilizadas as proporções definidas pelos eixos de circulação que existiriam anteriormente, como os subsistentes no claustro Sul. Estes serão utilizados novamente como esquema de circulação, juntamente com o novo eixo que surge no interior do volume nascente, que percorre toda a extensão do edifício procurando a relação visual com os pátios.

No claustro principal apenas foram inseridas galerias a norte e poente. Com este projeto, pretende-se acrescentar a circulação a nascente por entre o novo volume, de forma a alcançar diferentes momentos visuais sobre o claustro cisterciense. Ao nível do piso térreo, a zona da ala poente que antecede o claustro ficará em ruína, podendo esta ser percorrida sob um manto verde que se estende por toda a área do claustro e entra pelo edifício, prolongando-se até à fachada. Mantendo desta forma retratada a memória do estado de ruína a que chegou o edifício, inserindo na sua arquitetura momentos que ajudem a contar a história do próprio Mosteiro, permitindo assim que esse conhecimento esteja ao alcance de todos os que visitem o monumento.

A nave da igreja ficará um espaço amplo, com polivalência para acolher todo o tipo de eventos e atividades, formando um espaço parcialmente exterior ao ser aberto pela zona anteriormente seccionada, por onde é invadida a ruína pelo terreno a nascente. Para esse efeito, será utilizado o atual desnível do chão formado com a ausência de pavimento, derivado da inserção de maquinaria fabril, situado sobre a nave principal no alinhamento das duas últimas capelas em relação à entrada. Esse espaço tornar-se-á uma zona ajardinada que entra pelo edifício pela zona traseira, por intermédio da abertura conseguida com a remoção da atual parede que fecha a nave pelo alinhamento do antigo cruzeiro. Mantendo com esse espaço a bifurcação criada com o atual pavimento, onde pela zona interior ao edifício nos guia diretamente ao auditório, e pelo outro lado nos guia à escada inserida no exterior que permite o acesso aos pisos superiores.

Na zona ajardinada que invade o espaço da ruína da igreja, serão inseridos elementos em pedra, que surgem com a sua naturalidade no espaço, e que retratam, e serão novamente, os bancos da igreja. Este espaço poderá também ser utilizado como auditório ao ar livre, de forma a utilizar a zona pavimentada junto à entrada como espaço de palco, conseguindo fechar o cenário e a luz da entrada por via de cortinas que cobrem o pano de vidro, que compõe uma estrutura em madeira que forma uma zona de entrada característica das igrejas, mas que permite vislumbrar todo o edifício basilical em ruína mesmo quando este se encontrar fechado.



Alçado Norte, escala 1/500



Alçado Poente, escala 1/500



Corte pelo eixo da igreja, escala 1/500

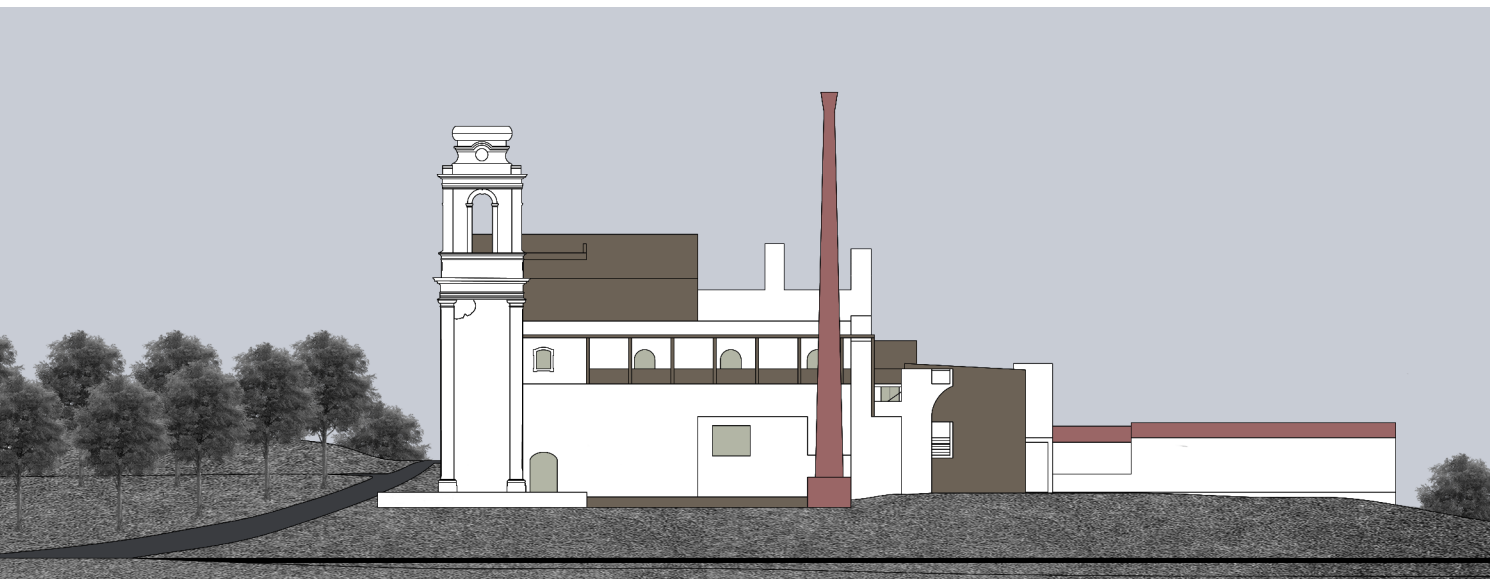
A intervenção neste espaço será minimalista, removendo apenas os elementos acrescentados posteriormente à estrutura original do volume basilical, de modo a conter os elementos originais, que não revelem perigo iminente de queda, e remover todos os outros. Para a devida reabilitação será necessária uma intervenção cuidada, que implica a remoção das plantas já enraizadas no topo da igreja, cujas raízes ameaçam a fachada do século XVI. O acesso às torres ficará interdito, e será criado um espaço museológico dedicado ao Mosteiro de Santa Maria de Seiça e à sua história no piso térreo de cada uma delas, podendo este ser visualizado da zona do nártex que irá ficar de livre acesso.

O único elemento que permanecerá intacto da antiga era industrial do edifício é a chaminé de grande dimensão, onde habitualmente nidificam cegonhas, sendo esta também um marco da antiga indústria. Esta chaminé localiza-se na lateral do Mosteiro, entre este e a linha ferroviária do Oeste, é erguida em alvenaria de tijolo, com o diâmetro da estrutura a diminuir em relação ao topo, conseguindo desta forma resistir a ventos laterais dado o peso da estrutura. Todos os restantes elementos anexados posteriormente com a inserção da indústria no espaço do mosteiro, serão demolidos e utilizados para fazer o enchimento na conceção da plataforma que eleva a fachada da igreja em relação à topografia.

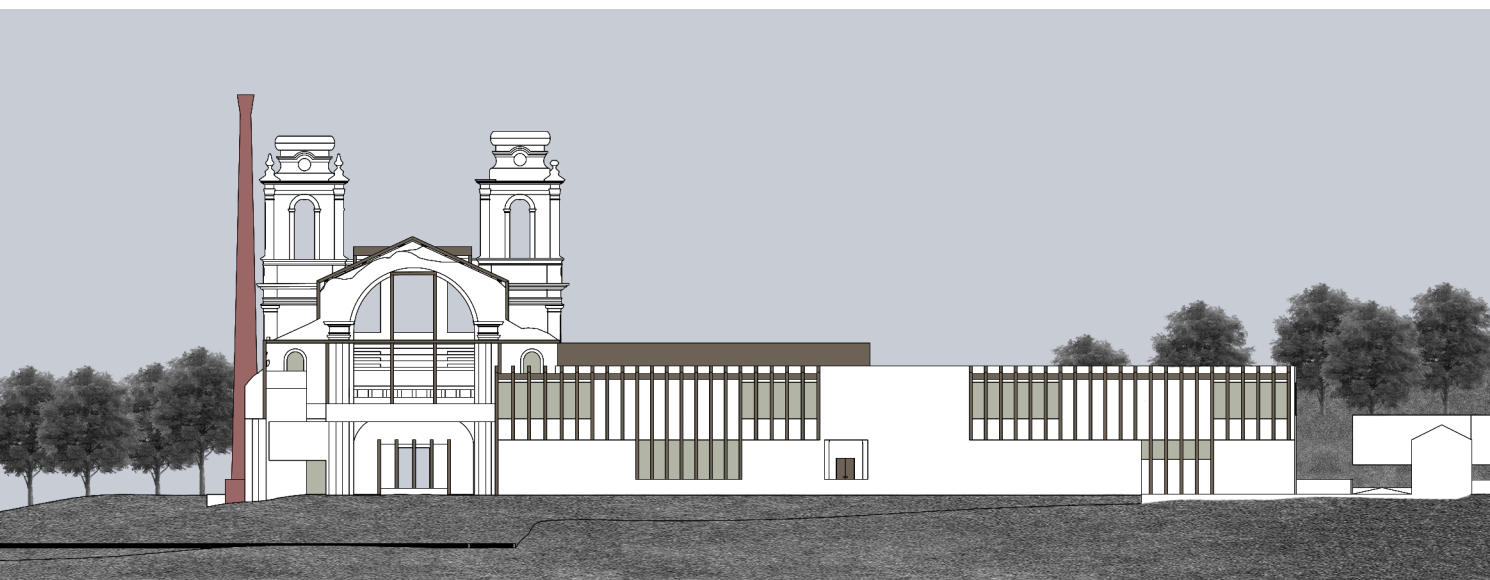
Será também mantido o maciço de betão inserido na segunda capela, resultado da instalação de um sector de indústria no espaço do mosteiro. Este construído no alinhamento das portas que fazem a ligação das capelas entre si, onde será melhorada a escada existente, de forma a ser utilizado como miradouro para o claustro cisterciense. Desta forma, permite o seu conhecimento caso o edifício se encontre parcialmente fechado, como é pretendido pelo programa, podendo apenas estar aberto a área correspondente à antiga igreja.

O acesso às galerias superiores da igreja será feito pelo meio de escadas, por intermédio de uma plataforma inserida pelo exterior da igreja, que surge apoiada sobre o novo volume inserido a nascente, e em parte da parede da antiga igreja que subsistiu para além do atual limite da nave. Esta plataforma permite o acesso a ambas as galerias da igreja, norte e sul, assim como a ligação ao piso superior do novo volume correspondente à ala nascente. A ligação entre ambas as galerias é também conseguida pela reconstituição da zona que seria o antigo coro alto da igreja, que permite atravessar todo o comprimento da nave transversalmente. Esta pode funcionar como pequeno auditório, podendo este ganhar a cotação de coro alto novamente, caso decorra algum evento no espaço da nave principal.

Toda a conceção de estruturas na ruína da igreja trazidas por este projeto serão na sua totalidade em madeira, conseguindo assim manter a clara diferenciação dos elementos acrescentados com esta intervenção, contrastando com a estrutura robusta do restante construído. O coro alto será recriado sob vigas de madeira assentes na abóbada que cobre o nártex da igreja, prolongando-se até ao arco que sustenta a abóbada do átrio, esta em bastante mau estado devido à queda da cobertura e de uma cornija da torre sul da igreja. In-



Alçado Sul, escala 1/500



Alçado Nascente, escala 1/500



Corte longitudinal pelo eixo do conjunto, escala 1/500

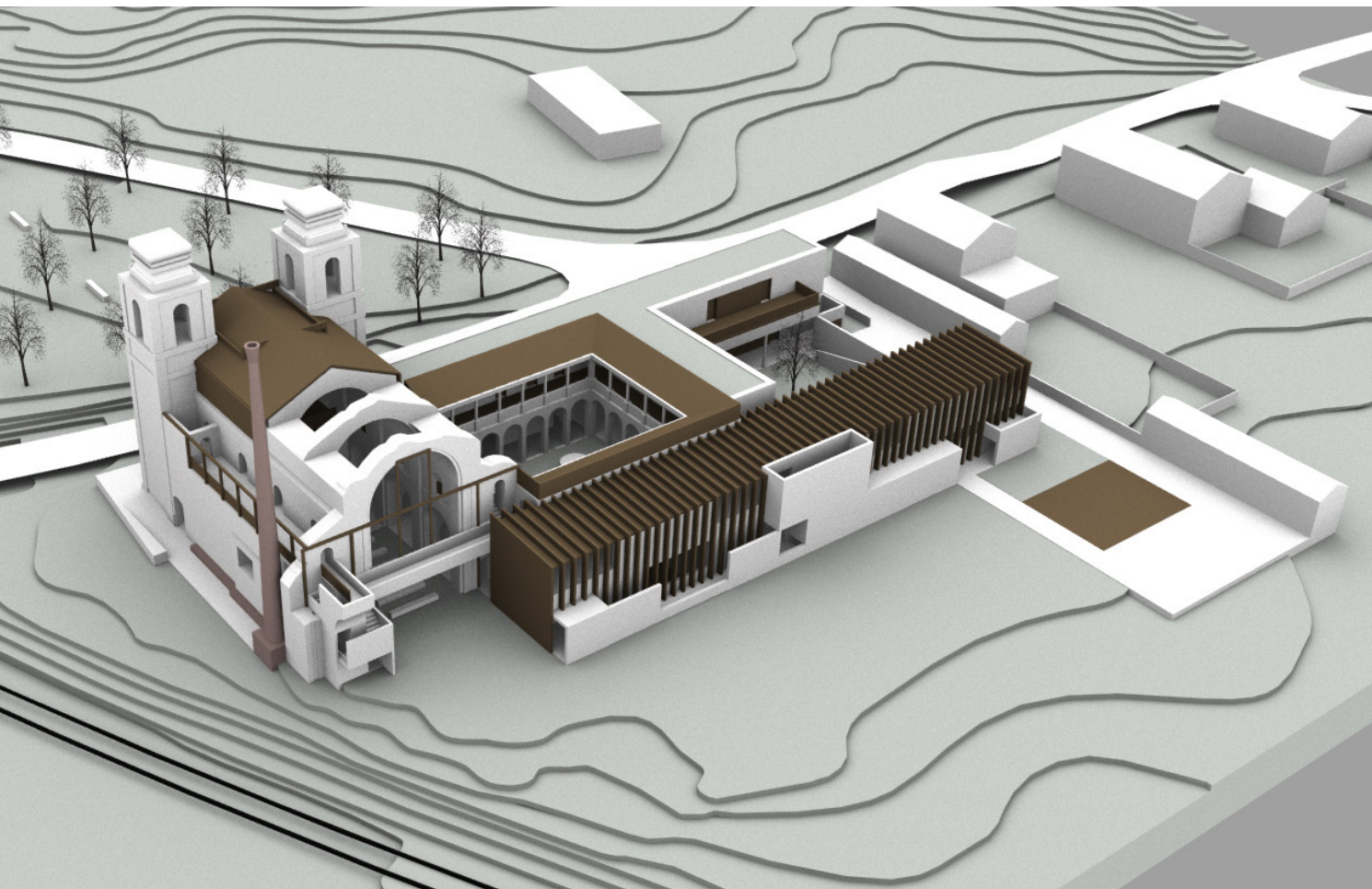
sere-se desta forma um pavimento em madeira, onde assenta uma estrutura que sustenta o desenho de uma bancada também em madeira, criando assim um espaço à cota do piso, que permite a travessia entre as galerias. Esse pequeno auditório permite além da compreensão do espaço da ruína, o acesso às janelas da fachada, funcionando como zona de miradouro para Oeste, de forma a obter relação visual com a Capela de Santa Maria de Seíça.

No volume da igreja será ainda inserida uma cobertura, de modo a conservar o arco do teto ainda existente no primeiro tramo da nave, estendendo-se até à fachada, de modo a conseguir também assim viabilizar a conservação e funcionalidade da estrutura proposta para a zona do coro-alto. Esta cobertura também será estruturada em madeira, ficando a estrutura exposta no interior, e revestida por tela asfáltica na sua totalidade, de forma a permanecer pelo exterior a leitura de um volume monolítico assente sobre a antiga estrutura da igreja. Esta cobertura não possuirá isolamento térmico, uma vez que o volume da igreja ficará parcialmente aberto para o exterior, por onde se irá manter a ampla entrada de luz pela ausência de cobertura no resto da nave, permanecendo desta forma a ruína aparentemente intacta, tornando o espaço mais iluminado e ventilado que atualmente.

Com a intervenção planeada para este espaço, ao entrar na nave central da antiga igreja não nos deparamos com qualquer intervenção no seu interior, apenas constatamos a plataforma suspensa ao fundo que define um novo limite ao espaço do volume basilical, sem o fechar à cota do piso térreo, pelo que sobre esta será inserido uma estrutura em madeira que nos remete ao desenho de uma grande janela. Esta estrutura em madeira estende-se ao longo da atual fachada nascente, e prolonga-se para a fachada sul de modo a desenhar a galeria, por cima das capelas laterais, remetendo pelo exterior à ideia de que o volume basilical ainda se encontra em fase de construção, como se estivesse inacabado.

Ao percorrer a igreja na sua extensão, irão começar a destacar-se os elementos de madeira acrescentados com este projeto, assim como o aparecimento da interceção do novo volume, mantendo o impacto da sobreposição industrial sobre a ruína do mosteiro. Esse volume que terá lugar onde agora se implanta um armazém industrial também em ruína, tem como principal objetivo fechar os claustros a nascente, assim como retomar a volumetria em planta que caracteriza o mosteiro, devolvendo-lhe a imponência naquele lugar. Com o objetivo de procurar manter a diferença expressa na aplicação de diferentes materialidades nos volumes acrescentados no projeto, também no novo volume a nascente é procurada a utilização da madeira.

O desenho do novo volume a nascente procura manter retratada a história do edifício, destacando-se a diferença expressa na sua materialidade, a inserção de uma nave industrial que terá sido acrescentada ao mosteiro no seguimento da ala nascente. Este volume será revestido e estruturado em parte através de lâminas de madeira, surgindo o mesmo pelo interior das paredes do atual armazém, que serão reformuladas de modo a procurar ir



Img.44 Modelo 3D do edifício



Corte longitudinal pelo eixo do conjunto, escala 1/500

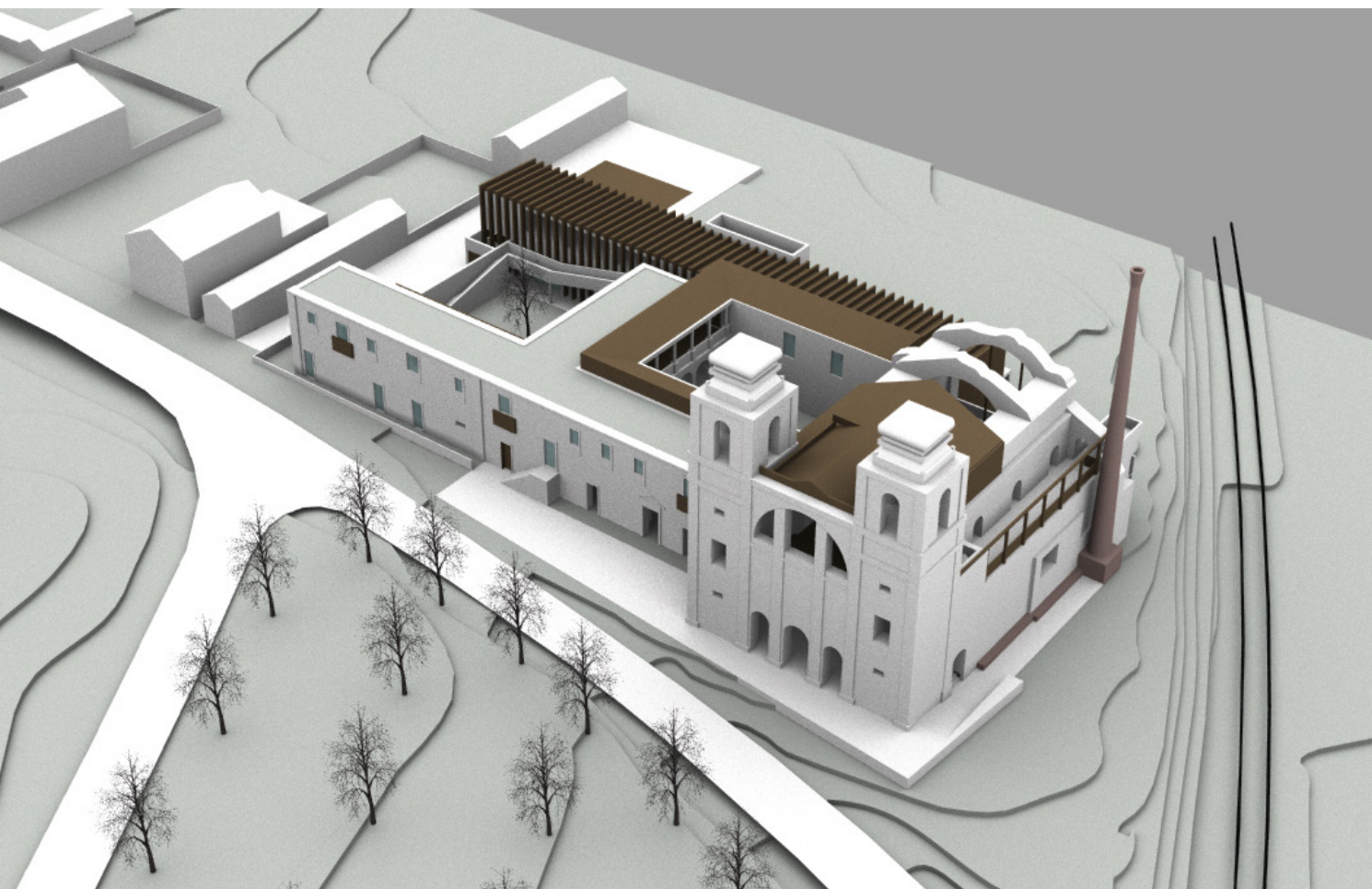


buscar a inércia proveniente do volume construído que subsiste do mosteiro trazendo-a até à fachada, servindo estas para vedar o espaço agora percorível em volta dos novos espaços de programa, alternando entre interior/exterior, e espaço público e privado.

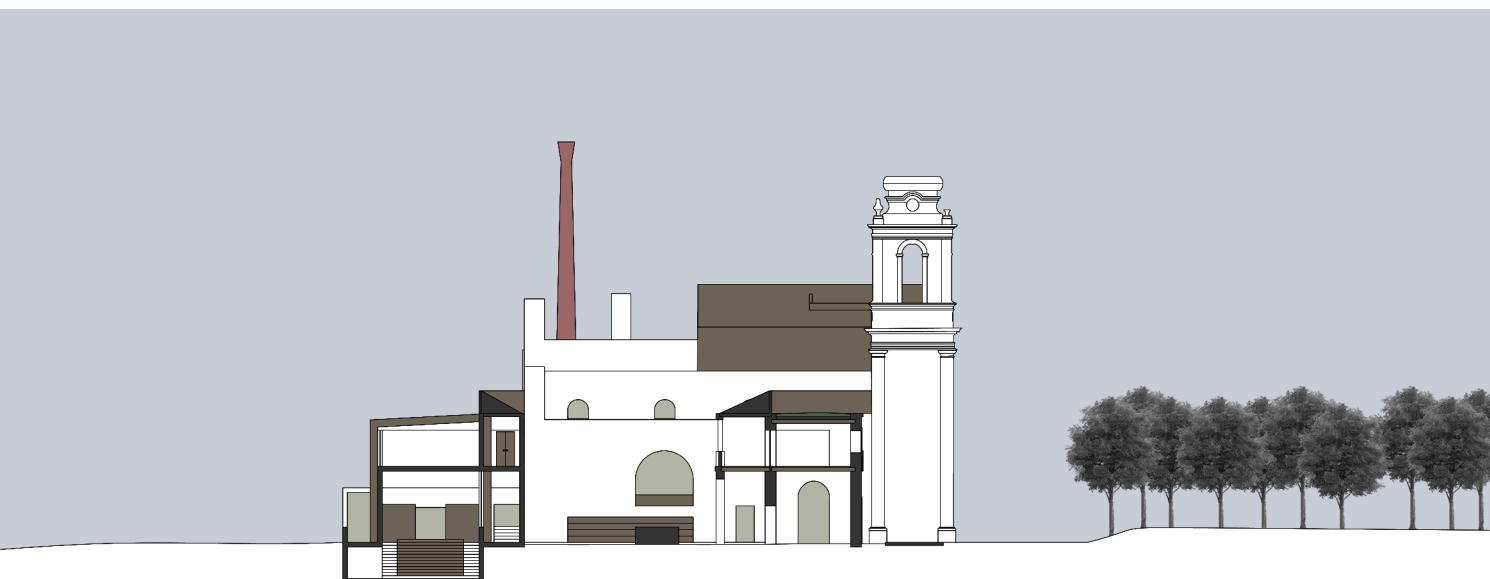
O novo volume, inserido a eixo da construção existente, com as proporções da antiga ala, será erguido com recurso a uma estrutura em betão ao nível do piso térreo, contendo posteriormente lâminas de madeira fixadas nessa estrutura em betão que irão erguer o segundo piso, assim como sustentar a cobertura, de modo a desenhar em parte o edifício. Desta forma, esta estrutura em madeira aparecerá na fachada com uma leitura contínua, surgindo pelo interior das paredes em betão. Este volume irá possuir novamente dois pisos às cotas originais do Mosteiro, fazendo a completa ligação com os existentes das alas que subsistem. Estas serão renovadas de forma a recriar em parte os sistemas construtivos utilizados originalmente, à exceção das coberturas.

Este novo volume será então erguido sob uma estrutura mista, sendo utilizada primeiramente uma estrutura em betão armado que sustenta o piso, não só pelo facto de melhor responder às necessidades do desenho do projeto, mas pensando principalmente na longevidade que se pretende para o edifício. Tratando-se de um edifício centenário, é pretendido uma durabilidade ao longo de outros tantos séculos como a sua existência, atribuindo desta forma ao Mosteiro a mesma robustez que o caracteriza. Sob essa estrutura de betão, será fixada uma outra estrutura em madeira de pinho devidamente tratada e trabalhada. Esses elementos em madeira serão de fácil substituição e manutenção, tendo sido pensada a sua sustentabilidade com a aquisição da matéria no território envolvente, também conseguida com os trabalhos pretendidos com a criação do programa agora inserido no Mosteiro. Para a inserção dessa unidade será também recuperada a parte subsistente do construído do antigo mosteiro, sendo este reestruturado em madeira como anteriormente na conceção dos pisos. Na cobertura, a estrutura de madeira servirá como cofragem perdida para conceção de uma laje de betão, que será ajardinada no seu revestimento, mantendo viva a memória do edifício em ruína consumido pela vegetação.

No pátio norte serão recriados os acessos segundo os anteriores eixos de circulação, que funcionariam também em claustro. Desta forma permanece a circulação a ponte em ambos os pisos, de forma a recriar o mesmo acesso ao do volume subsistente do Mosteiro. No piso térreo, dá acesso a um acesso vertical criado segundo o alinhamento das fundações da anterior ala norte, este com a introdução de um elemento em rampa. Esta estrutura em betão, permite redesenhar as antigas proporções do pátio, assim como o acesso ao piso superior, de maneira a tornar todo o edifício acessível a pessoas de mobilidade reduzida. Deste modo, aparecerá um elemento em rampa que sobe no sentido nascente, e vira posteriormente para sul segundo o eixo nascente que fecha o pátio. Este percurso permite alcançar diferentes momentos visuais na relação com a ruína, assim como conseguir a ligação coberta por esse mesmo elemento, na zona de maior cota aos espaços de programa situados no piso térreo do novo volume.



Img.45 Modelo 3D do edifício



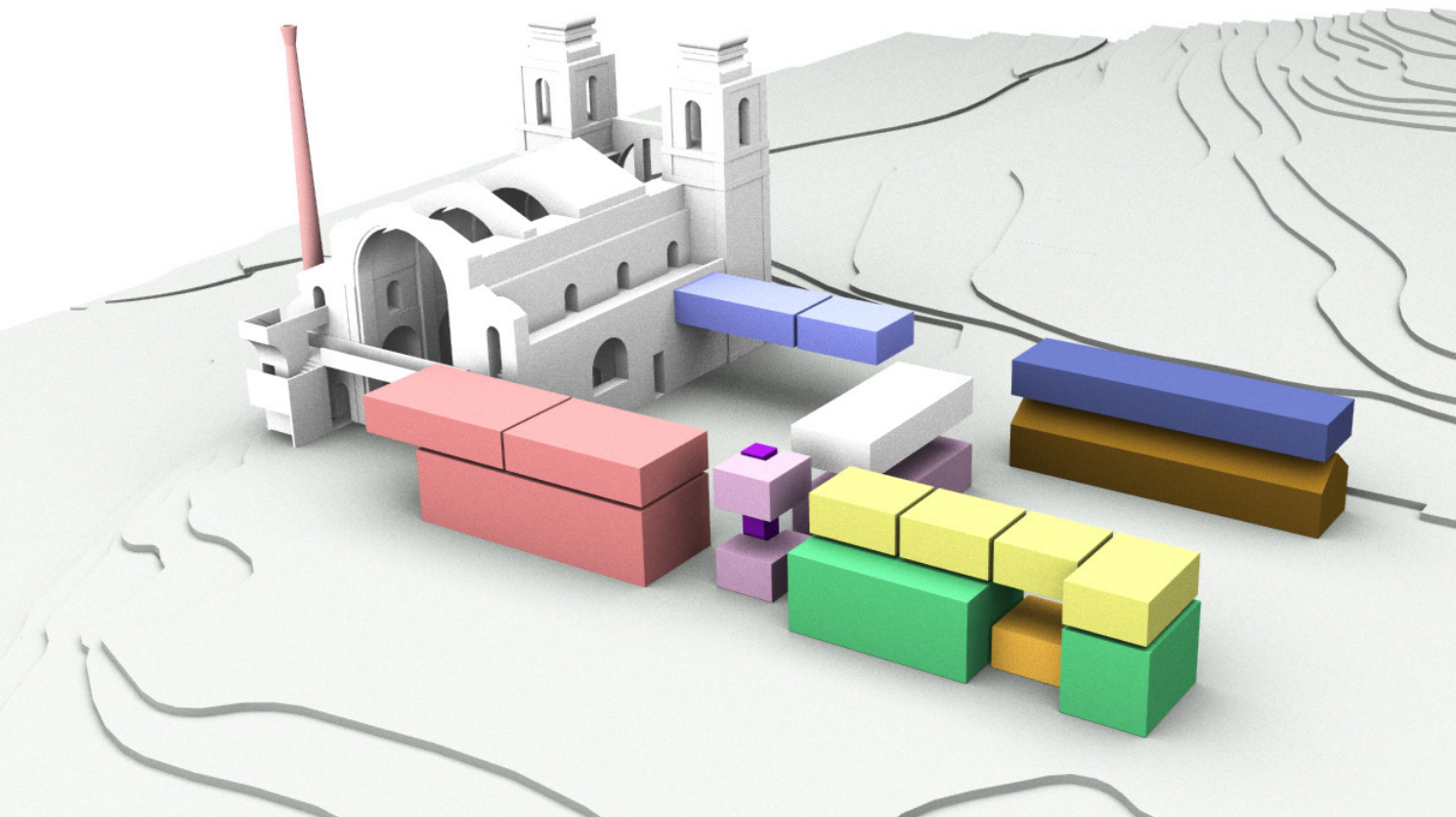
Corte transversal pelo claustro, escala 1/500

Será ainda aproveitada a zona de logradouro, desenhada a acompanhar o movimento da rua, com um pavimento em gravilha delimitado por um murete em pedra calcária. Este elemento define a mesma cota em todo o edifício, de forma a elevar o volume da igreja na relação com a topografia na zona de menor cota, mas a permitir o acesso direto à mesma por via de um pequeno desnível. Este arranjo permite o percurso ao longo do edifício pelo exterior, assim como delimitar o livre estacionamento de veículos na frente do mosteiro. Serão também conservadas as escadas em pedra que surgem na fachada, escadas estas que fariam a ligação do exterior ao patamar de descanso do acesso vertical interior, este razoavelmente conservado até aos dias de hoje. Essa ligação com o exterior irá ser quebrada com a introdução de um pano de vidro, mantendo essa ligação apenas visual, permitindo desta forma trazer também luz natural às escadas interiores do antigo convento.

Nas costas das escadas, alinhado com esse mesmo elemento que sobressai da fachada, e prolongando-se até ao volume da igreja, surgirá um pequeno jardim que entra pela ruína e se estende até ao claustro. Deste modo, o claustro não terá acesso pavimentado segundo o eixo poente na cota térrea, será apenas aproveitado o pavimento inserido em parte do claustro pelo usufruto da indústria no espaço do mosteiro, que fará ligação da porta lateral da igreja com o novo volume pelo arco recuperado na fachada interior a nascente.

O volume criado a nascente irá conter o principal auditório, podendo este ser acessado pela nave da antiga igreja, por via de um percurso coberto desde a entrada da mesma. A sua implantação acompanha o cruzamento do anterior transepto com o edifício, recuando desta forma o limite do atual volume industrial a sul, de forma a deixar o espaço de implantação da igreja como espaço vazio de programa ao nível do piso térreo. No piso superior, irá ser mantida a memória de um volume sobreposto ao mosteiro, que invade o antigo perímetro da igreja, ficando este atualmente no alinhamento da nave, de forma obter uma visão limpa no momento de entrada na igreja. A saliência do volume superior a sul, permite o acesso coberto ao auditório, ficando a entrada para o mesmo no piso térreo.

O auditório será o espaço comum aos dois programas introduzidos no edifício, permitindo com o planeamento dos acessos, articular o espaço de modo a servir de apoio ao principal programa ou a funcionar independentemente como espaço cultural. Este espaço envolve a maior alteração no construído existente proposto com este projeto, sendo necessária a escavação e a reformulação desta área. Com o objetivo de procurar um melhor conforto a nível acústico, este ficará parcialmente enterrado, permitindo vencer potenciais ruídos derivados principalmente da eventual passagem de comboios junto ao Mosteiro. Este espaço consistirá na criação de uma zona de plateia, descendente em relação à sua entrada pelo lado Sul, ficando o espaço de palco ao fundo, na zona mais interior ao edifício.

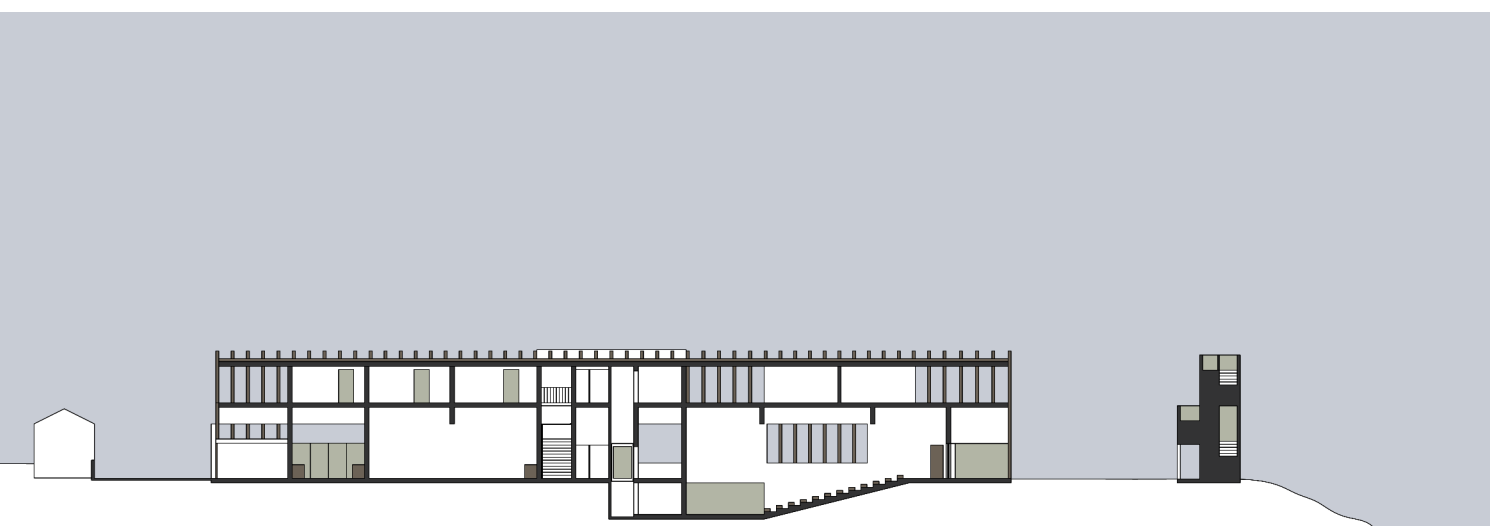


Img.46 Esquema de funções e espaços

Legenda:

Vermelho - Auditório e salas de formação  
 Amarelo - Gabinetes e sala de reunião  
 Verde - Oficina de laboração e espaço de arrumo de material e matéria  
 Laranja - Laboratório  
 Roxo - Elevador/monta-cargas

Rosa - Zonas de águas (wc e balneário)  
 Branco - Bar/refeitório  
 Azul claro - Sala da direção e biblioteca  
 Azul escuro - Atelier de planeamento  
 Castanho - Dormitório



Corte longitudinal pelo novo volume a nascente, escala 1/500

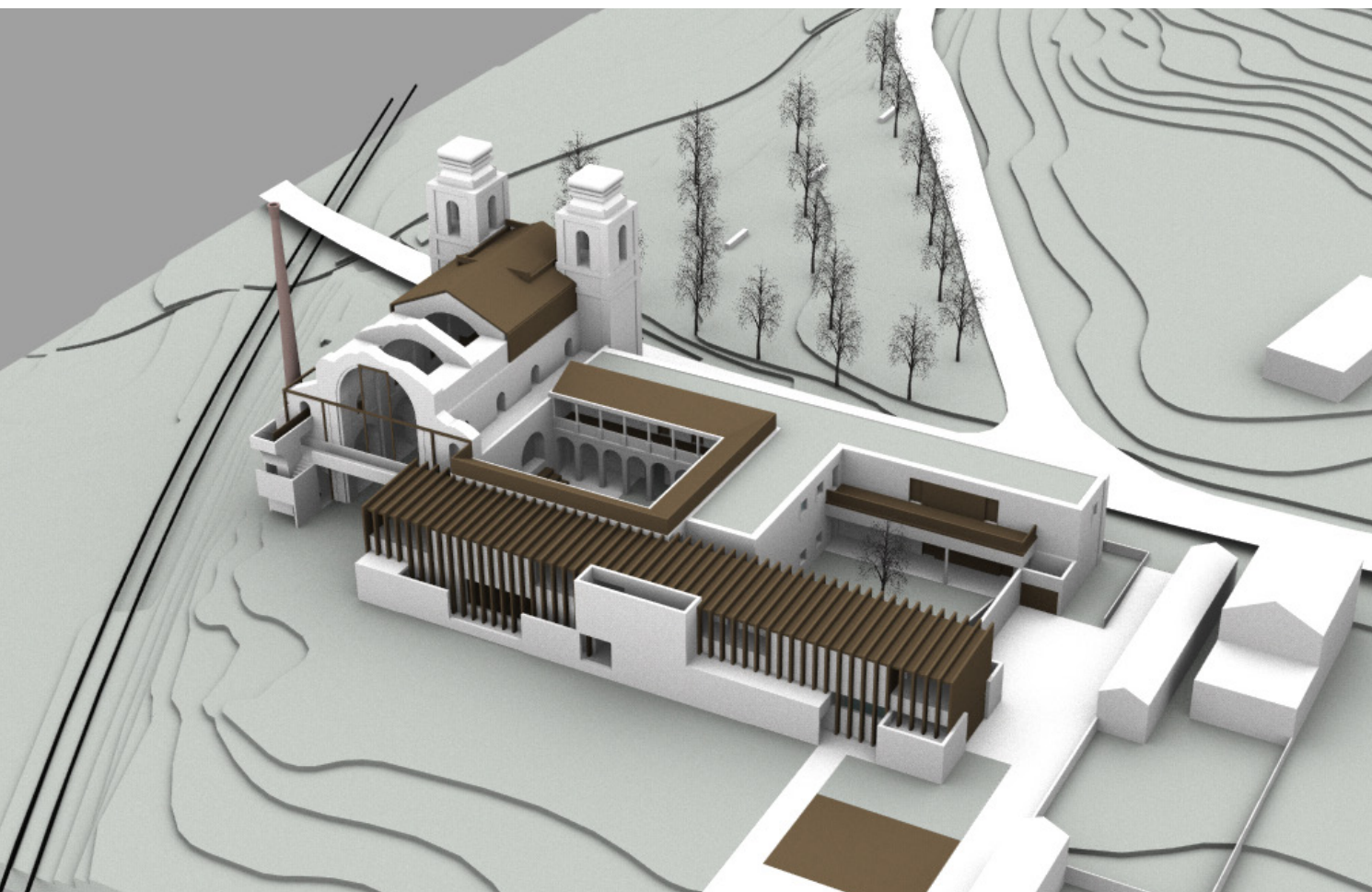
A unidade empresarial proposta a ser integrada no edifício funcionará na zona norte ao nível do piso térreo, seguindo o desenho do pátio norte, e completa-se com os restantes espaços de programa distribuídos pelo piso superior em toda a sua área. O pátio norte, que surge aberto para esse mesmo lado, será então o ponto de entrada dos trabalhadores que se pretende integrar no edifício. Trata-se de uma zona onde a topografia é menos acentuada, por onde se desenvolvem lotes de habitação imediatamente a seguir ao mosteiro ao longo da rua, lotes esses com pequenas casas contemporâneas à era fabril do Mosteiro, onde viveriam alguns trabalhadores. Nesse mesmo pátio, será ainda inserida uma macieira ao centro, deixando no Mosteiro uma referência atual a Alcobaça.

Por essa mesma zona, com o aproveitamento do acesso pavimentado criado com a introdução da indústria no edifício no decorrer do século XX, será conservada a possibilidade de acesso a veículos para fins de cargas ao novo volume. Este novo volume irá conter um espaço para esse fim virado a norte, onde permitirá ser guardado todo o equipamento e material necessário para pôr em prática os trabalhos que pretende vir a desempenhar o programa agora implementado no Mosteiro, assim como para o arquivo de matérias-primas fruto dessas mesmas intervenções. Será também aproveitada a construção existente junto ao mosteiro para esse mesmo fim, de modo em que é alargada a zona de circulação para o seu acesso, o que permite também criação de um outro acesso de cargas para o auditório, assim como uma saída de emergência do novo volume a nascente. Essa zona de circulação irá também delimitar uma zona ajardinada, assim como uma zona de horta para cultivos.

Em todo o edifício conseguimos um percurso continuo circundante aos espaços de programa, alternando entre interior e exterior, que nos permite o seu conhecimento sem interferir com o seu funcionamento. Possuindo no seu desenho uma clara leitura do espaço público e privado, sendo o acesso às zonas privadas sempre feito por corredores finitos, enquanto o espaço público nos permite andar às voltas.

No volume criado a nascente, será inserido um espaço de laboratório que funcionará ao nível do piso térreo, de forma a facilitar o transporte de matérias e equipamentos até ao mesmo, contendo este uma entrada pelo exterior e outra pelo interior, fazendo ligação diretamente com a zona de descargas e com a zona de processamento.

A ala poente, que persiste do antigo mosteiro, será reabilitada para introdução de um espaço de dormitório dividido em duas camaratas. Este espaço onde anteriormente ficavam alojados os conversos, leigos que serviriam o convento sem votos religiosos, permanecerá destinado ao acolhimento para pernoita e descanso em caso de necessidade das equipas de intervenção no território, podendo também vir a acolher outras necessidades. Na conceção deste espaço, será utilizado o enorme pé-direito para a criação de um teto falso, que irá remeter à memória do telhado de duas águas no seu interior, de forma a tornar o espaço mais acolhedor, sendo revestido integralmente em madeira.



Img.47 Modelo 3D do edifício



Corte transversal pelo pátio norte, escala 1/500

Será também criada uma zona para respetivas trocas de roupa e higiene, surgindo esta como necessária ao apoio à componente prática do programa, inserida na ala central do Mosteiro ao nível do piso térreo. Esta será dividida em masculino e feminino, funcionando sobre um volume solto, o que irá possibilitar a sua utilização para diferentes outras programáticas culturais que possam acontecer futuramente junto do Mosteiro de Seiça. No seguimento da ala central, serão inseridas também as zonas de casa de banho que dão apoio a todo o programa do mosteiro, estas acedidas no seguimento do eixo transversal que faz a ligação entre as duas alas pelo claustro em ambos os pisos.

O edifício irá conter uma entrada principal no alçado para a rua, reabilitando um dos antigos acessos, ficando esta marcada pelo desenho do espaço de logradouro. A entrada, desenhada em pedra na fachada, ficará aberta, contendo uma área que entra pelo interior delimitada em madeira. Neste elemento em madeira, será introduzida uma porta em vidro que dará para uma zona de receção, e permite a entrada de luz natural para a mesma. No teto dessa sala, ficará marcada a lembrança imediata do estado de ruína em que esteve o edifício, com marcação das vigas em madeira e ausência de pavimento em certo ponto no piso superior, o que permite também assim trazer de cima alguma iluminação natural ao espaço.

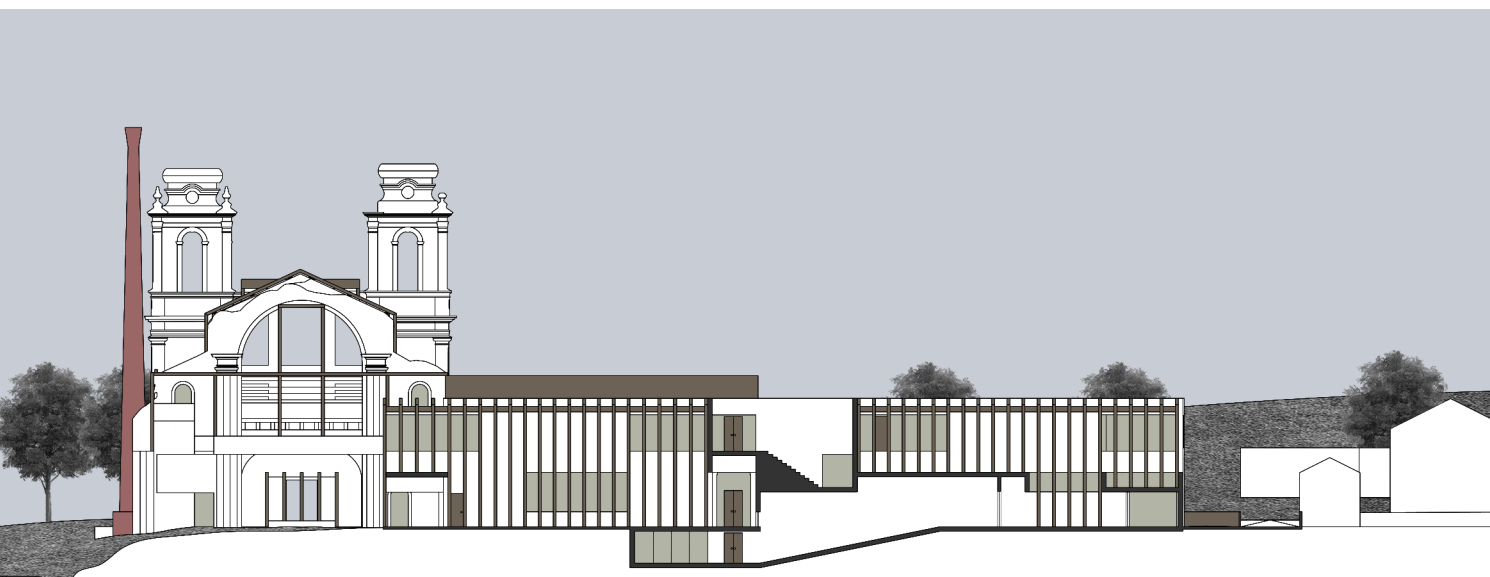
Esse primeiro espaço de entrada, permite a ligação ao eixo central e vertical existente no edifício. Após esse momento de entrada, entramos num ponto central no interior do subsistente claustro Cisterciense, que será reestruturado como originalmente, o que consistirá maioritariamente em recuperar os elementos em pedra e substituir os de madeira.

O claustro possuirá um coberto verde que entra pelo espaço edificado a poente, prolongando se este até à zona de logradouro. Neste espaço permanecerá o antigo poço, serão removidas todas as estruturas existentes acrescentadas no mosteiro com a instalação da unidade industrial dedicada ao descasque de arroz, e reconstituído o alçado interior a nascente. Para a reconstituição desse alçado, será reformulada a construção existente, reabilitando o arco romano agora emparedado. Por esse ponto, dado ser o ponto do edifício onde se consegue a melhor leitura do claustro no olhar para o lado oposto, será aproveitada a pavimentação que possibilita a ligação com a porta lateral da igreja. Nesse espaço será também inserido um pequeno equipamento em madeira junto à fachada da antiga igreja, que funciona como uma plataforma em degraus que pode ser utilizado como espaço de lazer ou até de pequeno oratório, com um olhar sobre o claustro cisterciense.

O eixo criado a nascente dos pátios permite percorrer o edifício em toda a sua extensão, fazendo a ligação da entrada a norte até à zona da igreja, tornando-se este no principal movimento de percurso. Permite também, o acesso a todos os espaços de programa integrados no interior da ala nascente, assim como visitar todo o conjunto ao ser aberto na relação com os pátios. Este eixo de circulação pode também ser alcançado quando utilizada



Img.48 Modelo 3D do edifício



Corte longitudinal pelo novo volume a nascente, escala 1/500

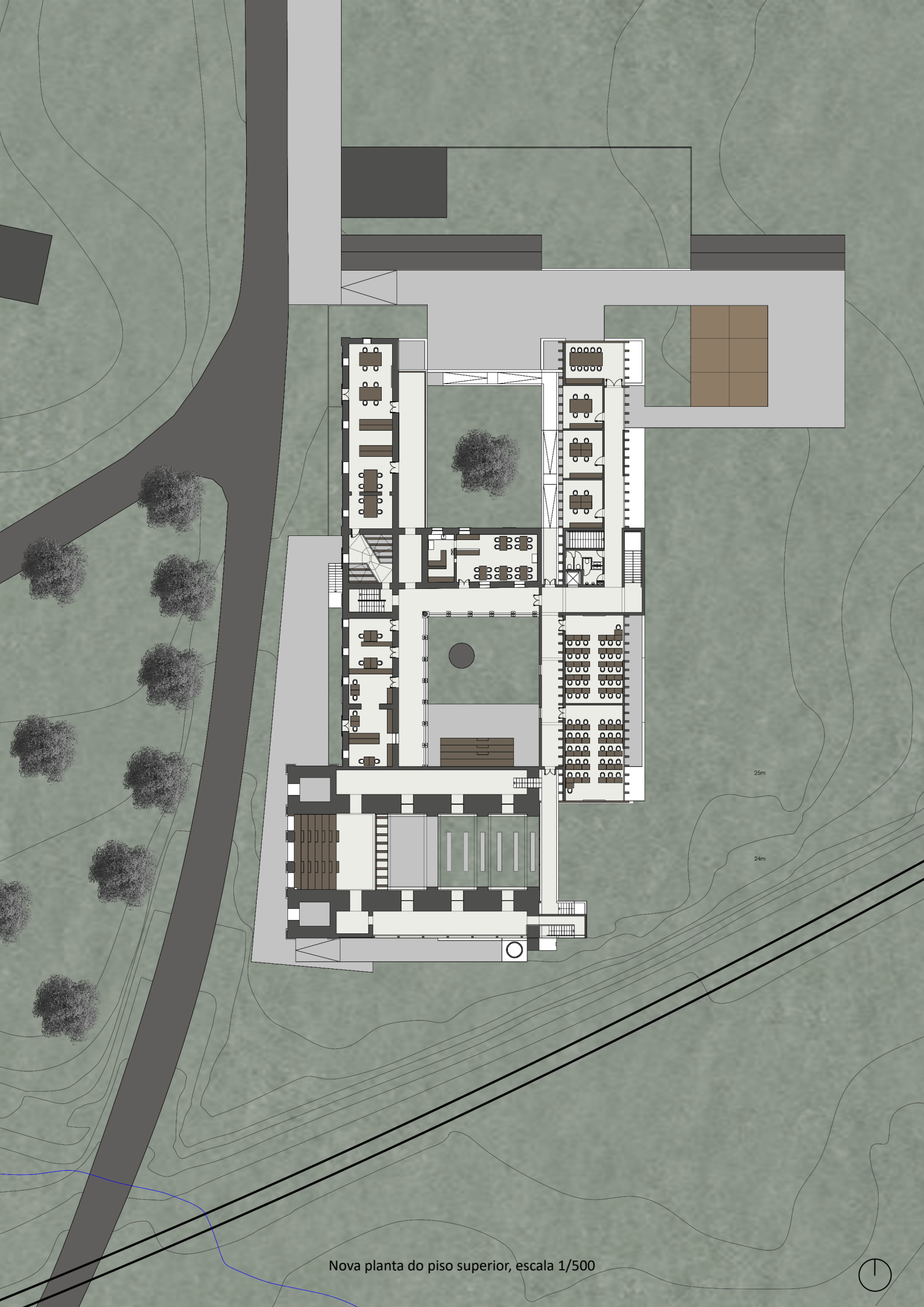


a entrada situada na frente do edifício, percorrendo o claustro imediatamente segundo o eixo central que se prolonga até à fachada oposta. O prolongamento deste eixo central até à fachada nascente do edifício, permite também um percurso em toda a volta do volume do auditório, assim como a ligação deste com o espaço da igreja, por um via de um percurso exterior por onde se consegue tirar partido da relação visual com a paisagem.

Na ala nascente será introduzido ainda um outro acesso vertical, funcionando na zona central, acedido pelo eixo de circulação criado que completa os pátios a nascente. O acesso será composto por um elevador, e por um percurso de escadas que guião o observador num momento de ilusão, fazendo parecer que o edifício possui mais um piso dada a relação métrica do pé direito no cruzamento dos pisos com o patamar de descanso da escada. O edifício irá possuir também um acesso à conta inferior do auditório, este acedido pela zona de cargas situada na fachada nascente, por intermédio de um movimento em rampa que ocorre junto à mesma. O piso inferior do auditório poderá também ser acedido pelo elevador, dando este acesso à sala de arrumos situada na retaguarda desse mesmo espaço. Permite-se desta forma o transporte de material até à zona de palco, assim como ao espaço de apoio inserido à mesma cota, onde a ligação entre o palco e esse espaço de acesso será vedada com a introdução de portas de correr em vidro e cortinas.

O auditório será constituído por um espaço de palco na cota mais baixa e uma bancada central com circulação por ambos os lados, sob uma sequência de degraus que vão subindo em relação à entrada a sul, esta constituída por duas grandes portas em madeira, que quando abertas formam o espaço de entrada ao centro. Este espaço irá conter também duas saídas de emergência, por vias de duas portas com barras antipânico, situadas nas zonas laterais junto à principal entrada. O auditório irá conter luz natural controlada, utilizando para o mesmo um recorte na fachada nascente, assim como um outro momento no lado oposto, ambos envidraçados junto das lâminas de madeira que cobrem todo o novo volume.

O piso superior, a norte será composto por um espaço de atelier na ala poente e por uma zona de gabinetes e escritórios na ala nascente, ambos com o objetivo da integração de pessoal qualificado para desempenhar as diversas funções procuradas com o programa tecnológico agora inserido no edifício. O espaço de atelier poderá ser acedido pelo exterior ou pela zona sobre a entrada, lida como pé direito duplo face à ausência de pavimento em parte dessa área, onde apenas possui as vigas em madeira como anteriormente para além do corredor de ligação criado que nos permite fazer essa ligação. Neste espaço será ainda mantido e reabilitado o revestimento do teto em madeira, sendo esta a única peça trabalhada contemporânea à era de Cister no Mosteiro que se encontra em todo o conjunto. (Img.31) Na ala poente será ainda inserida a zona de secretaria e direção, assim como um espaço de arquivo e biblioteca, tomando estas lugar na zona adjacente ao claustro.



Nova planta do piso superior, escala 1/500

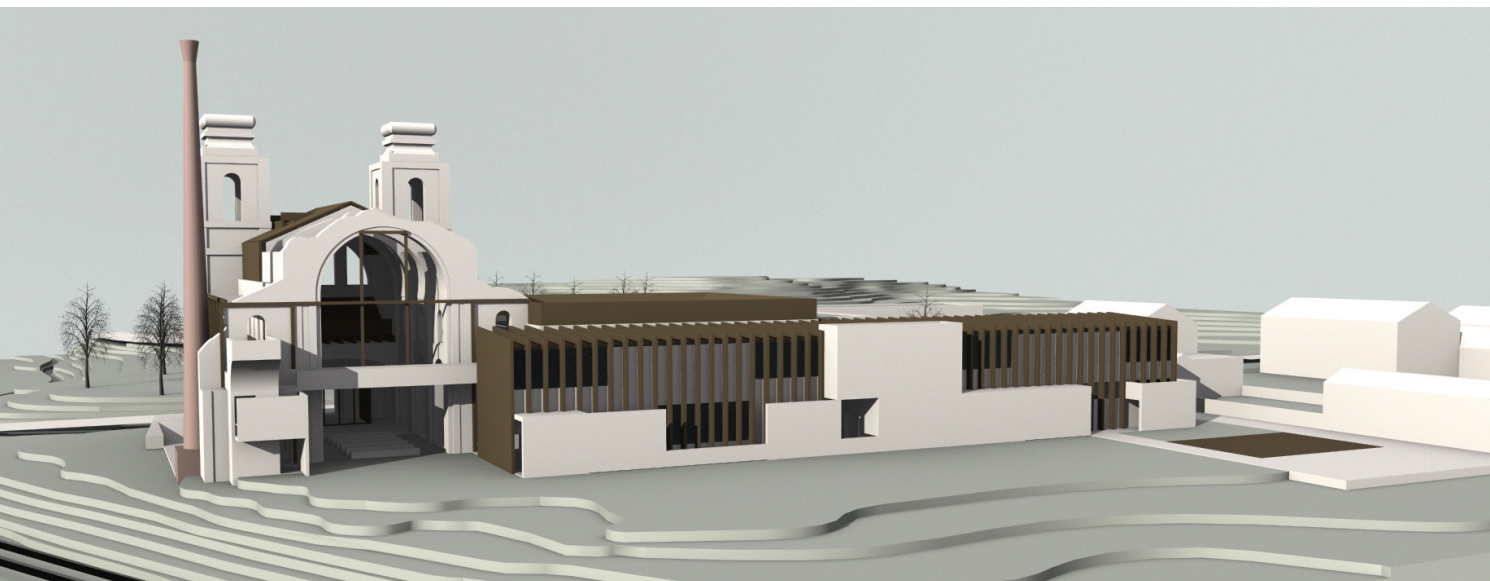


O espaço da ala central será o espaço de lazer e bar, que surge como apoio aos diferentes programas, este acedido pelo eixo transversal que percorre o edifício subsistente do claustro cisterciense. Este será inserido no atual espaço de maneira a criar uma zona de serviço e cozinha, e uma zona de estar e refeitório, que pretende tirar proveito da relação visual para ambos os pátios, conseguindo desse ponto obter a leitura da implantação de todo o conjunto.

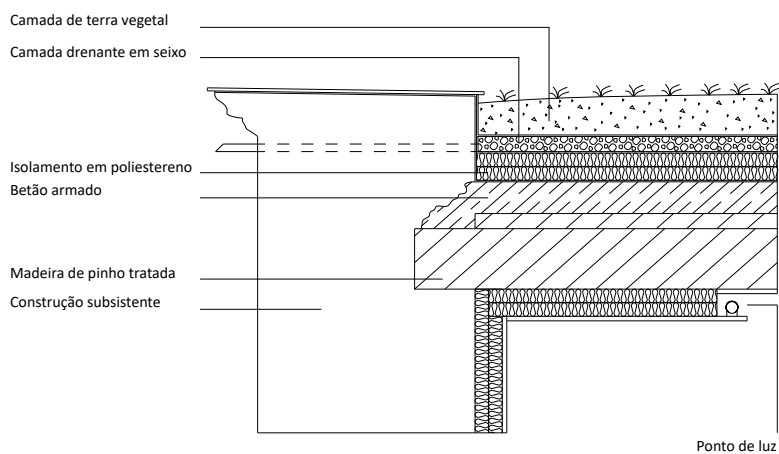
No piso superior da ala nascente, o movimento de entrada pelo eixo transversal do claustro prolonga-se para o interior do volume e guia-nos à saída de emergência ao fundo, assim como nos permite alcançar os dois eixos que fazem a distribuição para todos os espaços de programa inseridos nessa mesma ala do edifício. Imediatamente a esse momento de entrada alcançamos o eixo que faz a ligação com a zona em balanço que percorre o exterior da igreja, providenciando a completa circulação em claustro a nascente. Este eixo possui um acesso vertical em ambos os lados, um pelas escadas situadas no exterior da igreja, outro através do elemento em rampa. Permite no seu percurso a relação visual com o claustro cisterciense que será reconfigurado na íntegra no lado oposto, por via de pontos de luz natural que iluminam todo esse corredor, com um vão que vai desde a cota do piso a uma altura superior à escala humana. Por esse corredor é feita também a entrada em duas salas amplas, que servirão para aulas e formação, estas dispõem de grandes janelas que cobrem todo o pé-direito na fachada nascente, com a luz controlada por via das lâminas de madeira que revestem e estruturam a cobertura do volume criado. O segundo eixo, corre pelo interior do volume industrial agora criado e faz a distribuição para os espaços de programa situados na zona norte do mesmo, ficando estes virados para poente. Todo este espaço também será iluminado por via de grandes vãos envidraçados, pelo interior da estrutura em lâminas de madeira, o que permite controlar a sua exposição solar direta.

O movimento do claustro, a poente, norte, e agora nascente vai ser marcado também com a cobertura. Esta concebida com recurso a uma estrutura em madeira que acompanha o desenho do claustro, com o objetivo de manter viva a memória do telhado em águas quando observado do interior desse mesmo espaço. Pelo exterior, não conseguimos constatar a sua existência num perímetro próximo ao mosteiro. Num ponto de vista ponto de vista mais afastado, o mesmo irá surgir como um volume monolítico em madeira assente sobre o mosteiro.

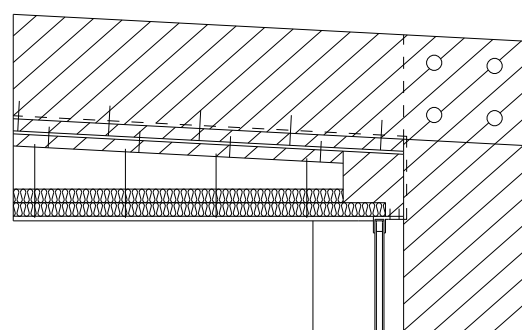
Na cobertura do claustro, assim como na cobertura jardinada do volume que persiste do antigo mosteiro cisterciense, irão ser inseridas caleiras para o devido escoamento de águas. A primeira solução por via de caleiras tradicionais expostas, que irão guiar as águas até ao poço existente por um percurso enterrado na zona ajardinada quando em contacto com o chão, fazendo desta forma o aproveitamento de água para regadio de pequenas hortas de experimentos que poderão existir junto ao mosteiro. Na cobertura ajardinada, o escoamento do excesso de água acumulado é feito por caleiras fixadas nas fachadas que dão para um espaço ajardinado.



Img.49 Render do edifício a nascente



Img.50 Pormenor construtivo da cobertura ajardinada, escala 1/20



Img.51 Pormenor construtivo da cobertura em madeira, escala 1/20



Corte transversal pelo claustro, escala 1/500

O processo de montagem da cobertura do novo volume industrial a nascente, será composto pela aplicação de uma tela asfáltica com a função de drenagem, aplicada sobre painéis de madeira que serão fixados na estrutura em madeira pelo interior, unida posteriormente à superfície por entre os intervalos da estrutura com uma nova camada de tela aplicada de forma projetada. Pelo interior será aplicado lã de rocha de forma a garantir o isolamento térmico, que por fim levará um teto falso que remove a leitura da inclinação do telhado no seu interior, por onde se farão passar as condutas de ar e todos os cabos técnicos necessários ao funcionamento do edifício. Esta cobertura escorre diretamente para nascente, sendo a água depois escoada por via de um pequeno desnível aplicado ao pavimento do piso na zona compreendida como espaço exterior.

O isolamento térmico do edifício será feito pelo interior, tanto nas alas reabilitadas do mosteiro, como no novo volume nascente. O pavimento será em madeira, à exceção das zonas de águas e oficinas, este aplicado em toda a sua extensão nos espaços interiores, sob uma camada de cortiça que assegura o correto isolamento acústico dos espaços do edifício. Os espaços de circulação exteriores, serão pavimentados em betão, de forma a conseguir a homogeneidade de todo o piso face ao existente, que em parte será aproveitado. Todas as aberturas compreendidas como janelas encontradas no volume do antigo Mosteiro, serão compostas por panos de vidro na sua totalidade, com um pequeno caixilho em alumínio quase invisível ao nível das fachadas, e portadas em madeira de dois panos no interior. Os acessos ao edifício, que fazem comunicação com o exterior nas zonas que permanecerão em ruína, irão ser vedados com a aplicação de portas em grade de metal em zonas recuadas da fachada, e todos os acessos interiores com recurso à utilização de portas em madeira.

Neste projeto, surge também a preocupação com a necessidade de criação de zonas de estacionamento para plena funcionalidade de todo o programa, visto que o mosteiro se encontra num local eremítico, e que a população se irá dirigir ao local, maioritariamente, por recurso a veículo próprio. Essas zonas irão ser criadas, de modo a serem inseridas na paisagem sem assumirem um desenho rígido e artificial. Desta forma, será utilizada a zona norte da atual estrada que faz a ligação entre o mosteiro e a capela de Seiça, por via da pavimentação em gravilha, conseguindo desta forma manter a leitura de um completo espaço natural caso o mosteiro não se encontre no total exercício das suas funções.

Junto do edifício serão aplicados painéis solares, de modo a procurar a sua autossustentabilidade, garantindo a sua eficiência energética quando este não se encontrar em absoluto funcionamento, nomeadamente durante a noite quando permanecerá constantemente iluminado sobre as fachadas, assim como nos pátios. Estes painéis serão apoiados sobre eixos únicos na vertical, instalados ao longo do terreno a nascente do mosteiro, dispostos entre eles de forma a acompanhar o movimento da linha de caminho de ferro.



Img.52 Render do edifício a poente



Img.53 Obra de reabilitação do Mosteiro de Seça - Junho de 2023



Img.54 Obra de reabilitação do Mosteiro de Seça - Junho de 2023



Img.55 Obra de reabilitação do Mosteiro de Seça - Junho de 2023



Img.56 Obra de reabilitação do Mosteiro de Seça - Junho de 2023

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referido pelo Professor Doutor Victor Mestre, para a concretização de um projeto de requalificação de um edifício patrimonial desta dimensão, seria necessário o culminar de peritos nas mais diversas áreas para além da arquitetura. Contudo, este trabalho foi proposto no âmbito académico como tema para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado em arquitetura, tendo por isso sido concluído mesmo após o início da intervenção com a implementação de um outro projeto para a recuperação do Monumento. O tema procurava ser uma diferente proposta para a requalificação do espaço da ruína de Seiça, mas face à complexidade de criação e adaptação de um novo programa no volume pré-existente, que limitava a liberdade no desenho do edifício, não foi possível cumprir esse objetivo em termos cronológicos.

Neste projeto, foi procurado não só a requalificação da ruína do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, mas principalmente a criação de uma analogia à Ordem de Cister quanto à sua influência no território, de modo a respeitar a sua memória e representá-la em parte com o novo programa, sendo essa também a atual necessidade do lugar e o que atribui o real valor ao construído existente. Esta procura levou ao desenvolvimento de um programa de organismo público que incide sobre o espaço envolvente, de onde provém novamente a sua sustentabilidade, continuando desta forma a ser um Mosteiro de Cister, reabilitado também nos seus ideais e influências no território. Assim, pretendemos conciliar esse usufruto do antigo mosteiro com o livre conhecimento do espaço, promovendo a cultura e a sua história, contada pelo desenho das novas volumetrias e materialidades que compõem o edifício, deixando com elas marcadas as adaptações sofridas ao longo de séculos de existência.

Com este trabalho, foi conseguida uma diferente compreensão sobre o património religioso, os seus princípios de arquitetura e métodos de construção, assim como a interpretação do processo de reabilitação efetuado em alguns destes edifícios outrora em ruína. Nos seus principais objetivos de projeto, foi conseguida a conservação da ruína de modo a transmitir a sua história pelo desenho das suas formas e espaços. A procura da sustentabilidade para um novo programa naquele lugar, assim como a utilização de recursos locais para a sua sustentabilidade e redução do custo da obra, poderia resultar com o devido aprofundamento da mesma questão por parte das entidades envolvidas anteriormente referidas, o que permitiria também definir com uma melhor precisão e organização a ocupação dos espaços de programa. No entanto, poderia envolver um acréscimo no orçamento dos trabalhos de reabilitação do edifício face ao atual projeto que está a ser implementado, cuja obra se irá restringir à conservação dos volumes pertencentes ao antigo mosteiro cisterciense.

Atualmente, com o decorrer dos trabalhos para a conservação da ruína do mosteiro, é conseguida uma interpretação mais clara do construído subsistente, onde surgem outras questões mais aprofundadas, e agora visíveis, quando escavados séculos da sua história.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS

Abrantes, J.I.D. (2021) Centro de Investigação de Seiça: Proposta de Reconfiguração do Mosteiro de Santa Maria de Seiça. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

André, A. C. J. G. (2022) Centro de Confeção Têxtil: Uma Reabilitação no Mosteiro de Santa Maria de Seiça. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Anttonen, M., Medlam, M. (2014) Santa Maria de Ceíça. Margarida Medlam

Antunes, A. D. (2012) Inventário do acervo documental do Mosteiro de Santa Maria de Seiça. *Imprensa da Universidade de Coimbra, XXV (Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra)*, 9–39.

Bellesia, F. O. (2022) Polo Seiça: Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seiça. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Borges, N. C. (1987) Coimbra e Região. In *Editorial Presença (Ed.)*, *Novos Guias de Portugal (1a edição, Vol. 6)*.

Braunfels, W. (1972) *Monasteries of Western Europe: The Architecture of the Orders*.

Cabete, A. F. (2014) O Mosteiro de Santa Maria de Seiça das Origens aos Alvores da Modernidade. Dissertação de Mestrado em História. Coimbra: Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Carniceiro, A. R. S. S. (2022) Laboratório do Vale Mondego: Reconfiguração do Mosteiro de Santa Maria de Seiça. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Cintrão, M.C. (1988) *Marinha das Ondas: na história e na lenda*.

Choay, F. (2000) *A Alegoria do Património*. Edições 70, Lisboa.

COCHERIL, D. M. (1986) *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*; Fondation Calouste Gulbenkian: Centre Culturel Portugais

Costa, C. A. (2016) Fernando Távora e a Modernidade: Pablo Picasso, Fernando Pessoa, Le Corbusier e a Arquitetura Tradicional Portuguesa. Estudo de 3 obras: A Casa de Ofir, Convento de Refóios de Lima e Casa dos 24. Dissertação de Mestrado em Artes e Humanidades. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.



Cunha, J. C. (2021) Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seixa: Polo de Investigação e Estimulação para Pacientes com Demência. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Direção Geral do Território. (2015) Carta de Uso e Ocupação do Solo.

Eusébio, M.L. G.M. (2017) Mosteiro de Santa Maria de Seixa: A experiência de Santa Maria de Seixa como orientação para um processo de restauro. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Feilden B.M. (2003) Conservation of Historic Buildings, Third Edition

Ferreira, T. D. (2011) Carta de risco do mosteiro de Santa Maria de Seixa. Apresentada em Encontros de Cultura e Património, Figueira da Foz.

Figueiredo, S., Ferreira, T., Vale, N. (2004) Carta de Risco do Património Arquitetónico, Mosteiro Santa Maria de Seixa. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

Holanda, R. E. (2018) Hábitos culturais-alimentares dos monges no Mosteiro de Alcobaça: Século XII. Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília

Jegundo, C. P. R. (2022) A Resiliência do Património: Um Centro Criativo no Mosteiro de Santa Maria de Seixa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Jorge, V.F. (2006) Organização Espaço-funcional da Abadia Cisterciense Medieval: Alcobaça como modelo de análise.

Jorge, V. F. (2012) Os Cistercienses e a água. Revista Portuguesa de História, Tomo XLIII.

Lopes, K. R. (2017) Habitar a memória: Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seixa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Martins, A. M. T. F. (2011) As Arquiteturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a Inserção no Território. Tese de Doutoramento em Arquitetura. Universidade de Sevilha.

Matias, T. D. (2022) A herança do passado: Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seixa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade da Beira Interior.

Mendes, A. S. V. L. (2013) Reabilitação de estruturas religiosas desactivadas: O caso do Mosteiro de Santa Maria de Seixa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.



Morgado, D.N.F.M.F. (2012) Cister: espiritualidade, estética e teologia na arquitectura cisterciense. Dissertação de Mestrado Integrado em Teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Pereira, B. F. F. (2020) O Mosteiro de Santa Maria de Seiça: uma Ruína que agrada uma reabilitação. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Braga: Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais.

Câmara Municipal da Figueira da Foz. (2019) Plano Diretor Municipal.

Pinto, I. & Gaspar, S. (2012). O Mosteiro de Santa Maria de Seiça nos meados do século XIX. Litorais: Revista de Estudos Figueirenses, 13, 71–101. <http://hdl.handle.net/10316/24961>

Rodrigues, F. G. (2014) A Influência da Arquitetura Cisterciense na Arquitetura Religiosa Contemporânea. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Covilhã: Universidade da beira interior.

Sampaio, C. (2012) Reabilitação e Reversão de Usos Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

SIMTH, J. (1877) Guide to the ruins of elgin cathedral

Sousa, M.I. (2018) O Mosteiro de Seiça e a fábrica de descasque de arroz: do silêncio dos arrozais ao ruído fabril.



## WEBGRAFIA

Câmara Municipal da Figueira da Foz. <https://www.cm-figfoz.pt/>

Mosteiro de Seiça. Reabilitação e Consolidação do Mosteiro de Seiça. Mosteiro de Seiça - Uma História à Espera de Ser Revelada. <https://mosteiodeseica.com/2021/08/29/reabilitacao-e-consolidacao-do-mosteiro-de-seica/>

ACIFF. Figueira da Foz - Documentos Históricos. <http://www.historiasdafigueiradafoz.com/histaciff/AciffTextos.aspx>

SIPA. [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=2791](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2791)

SMSeiça. <http://smseica.weebly.com/>

Redação as beiras. Câmara da Figueira avança obras no Mosteiro de Seiça. As Beiras. <https://www.asbeiras.pt/2021/12/camara-da-figueira-avanca-com-obrasno-mosteiro-de-seica/>

Resipinus. <https://www.resipinus.pt/resinagem/resina/>

RICEHUSK+. <http://www.itecons.uc.pt/projectos/ricehusk/index.php?module=sec&id=876>

DGPC. <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/>

Região de Leiria. <https://www.regiaodeleiria.pt>





## FONTES DE IMAGEM

Imagem 1 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 2 | Fotografia aérea de 2018 cedida pela Câmara Municipal da Figueira da Foz

Imagem 3 | Fachada do Mosteiro de Santa Maria de Seíça. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro\\_de\\_Santa\\_Maria\\_de\\_Seíça](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Santa_Maria_de_Seíça)

Imagem 4 | Fotografia aérea de 2018 cedida pela Câmara Municipal da Figueira da Foz

Imagem 5 | Mapa de Distribuição do pinheiro-bravo em Portugal, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Fonte: <https://www.facebook.com/InstitutadaConservacaodaNaturezaedasFlorestas/posts/1464256233745581/>

Imagem 6 | Capa do jornal Região de Leiria. Fonte: <https://www.publico.pt/2017/11/10/sociedade/noticia/jornal-regiao-de-leiria-considerado-o-melhor-diario-local-pelos-premios-nh2017-1792166>

Imagem 7 | Interior da igreja do Mosteiro de Seíça. Fonte: <http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/o-mosteiro-de-n-sra-de-seica.html>

Imagem 8 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 9 | Capela de Nossa Senhora de Seíça. Fonte: <https://mosteiodeseica.com/seica/capela-de-nossa-senhora-de-seica/>

Imagem 10 | Piso superior do claustro do Mosteiro. Fonte: <https://www.abandonados.pt/mosteiro-de-seica/>

Imagem 11 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 12 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 13 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 14 | Vista do Mosteiro de Santa Maria de Seíça, Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz. Fonte: <https://freguesiadealqueidao.com/historia/o-couto-de-barra-e-o-mosteiro-de-seica/>

Imagem 15 | Gravura de Seíça “O Ocidente 1887”. Fonte: <https://mosteiodeseica.com/fotos/>

Imagem 16 | Mosteiro de São João de Tarouca. Fonte: <https://culturanorte.gov.pt/patrimonio/mosteiro-de-sao-joao-de-tarouca/>



Imagem 17 | Mosteiro de Alcobaça. Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/5qyFoaH4eqk/maxresdefault.jpg>

Imagem 18 | Carta Militar, Marinha das Ondas, 1947

Imagem 19 | Carta Geológica de Portugal, Figueira da Foz, 1981

Imagem 20 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 21 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 22 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 23 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 24 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 25 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 26 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 27 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 28 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 29 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 30 | Fotografia do autor, 2021

Imagem 31 | Interior do Mosteiro. Fonte: <http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/o-mosteiro-de-n-sra-de-seica.html>

Imagem 32 | Claustro do Mosteiro. Fonte: <https://www.abandonados.pt/mosteiro-de-seica/>

Imagem 33 | Interior da Igreja. Fonte: <https://www.abandonados.pt/mosteiro-de-seica/>

Imagem 34 | Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro - Eduardo Souto de Moura, Espaço de Arquitetura. Fonte: <https://espacodearquitetura.com/projetos/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro/>

Imagem 35 | Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro - Eduardo Souto de Moura, Espaço de Arquitetura. Fonte: <https://espacodearquitetura.com/projetos/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro/>

Imagem 36 | Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima. Fonte: <https://ominho.pt/plano-nacional-de-gestao-integrada-de-fogos-rurais-em-debate-em-ponte-de-lima/>



Imagem 37 | Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima. Fonte: <https://radioaltominho.pt/noticias/escola-de-arquitetura-de-zurique-visita-escola-superior-agraria-de-ponte-de-lima/>

Imagem 38 | Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima. Fonte: <https://revisitavora.wordpress.com/mosteiro-de-refoios-do-lima/>

Imagem 39 | Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima. Fonte: <https://revisitavora.wordpress.com/mosteiro-de-refoios-do-lima/>

Imagem 40 | Catedral de Elgin. Fonte: <https://www.livebreathescotland.com/elgin-cathedral/>

Imagem 41 | Catedral de Elgin. Fonte: <https://www.livebreathescotland.com/elgin-cathedral/>

Imagem 42 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 43 | Antigo choupal que emoldurava a fachada do Mosteiro. Fonte: <https://www.figueiranahora.com/sociedade/mosteiro-de-seica>

Imagem 44 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 45 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 46 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 47 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 48 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 49 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 50 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 51 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 52 | Imagem produzida pelo autor

Imagem 53 | Obra de reabilitação do Mosteiro de Seiça. Fonte: <https://mosteirodeseica.com>

Imagem 54 | Obra de reabilitação do Mosteiro de Seiça. Fonte: <https://mosteirodeseica.com>

Imagem 55 | Obra de reabilitação do Mosteiro de Seiça. Fonte: <https://mosteirodeseica.com>

Imagem 56 | Obra de reabilitação do Mosteiro de Seiça. Fonte: <https://mosteirodeseica.com>



Planta atual do piso térreo escala 1/1000





Planta atual do piso superior escala 1/1000



